

The image features a vast, bright blue sky filled with soft, white, wispy clouds. In the lower portion of the frame, two yellow, box-shaped air conditioning units are mounted on a light-colored rooftop surface. The units are positioned symmetrically, one on the left and one on the right, with some dark piping or conduits visible between them. The overall composition is clean and minimalist, with the text centered in the upper half of the image.

*UM VER A MAIS NA CIDADE:*  
**GEOGRAFIAS, IMAGENS E EDUCAÇÃO**



Larissa Corrêa Firmino

***UM VER A MAIS NA CIDADE:***  
**GEOGRAFIAS, IMAGENS E EDUCAÇÃO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis  
2014



Larissa Corrêa Firmino

***UM VER A MAIS NA CIDADE: GEOGRAFIAS, IMAGENS E  
EDUCAÇÃO***

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestra em Educação e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE).

Local, 02 de dezembro de 2014.

---

Prof.<sup>a</sup> Luciane Maria Schindwein  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Leandro Belinaso Guimarães, Dr.  
Orientador  
MEN/CED/UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Gisele Girardi, Dr.<sup>a</sup>  
UFES

---

Prof. Orlando Ednei Ferreti, Dr.  
MEN/CED/UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Lúcia Schneider Hardt, Dr.<sup>a</sup>  
PPGE/UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Hoepers Preve, Dr.<sup>a</sup>  
Suplente  
DGEO/UDESC



De todo o meu amor serei gratidão.  
Para Nazle, Thales e Augusto: minha  
existência!





## AGRADECIMENTOS

Para que esta pesquisa de mestrado fosse realizada, muitas pessoas se fizeram presentes e me incentivaram, cada qual de sua maneira. Algumas delas, já faziam parte de minha vida, outras conheci ao longo desta trajetória. O que faz eu citar e frisar o meu “muito obrigada” a cada umas destas pessoas é que elas acreditaram no meu anseio de pesquisa e fizeram com que ela se tornasse possível. A cada um de vocês um forte e carinhoso abraço!

Mãe e Pai, todo o amor que sinto ainda não é o suficiente para expressar o agradecimento que tenho por estar neste mundo como filha de vocês. Deus jamais poderia ter me presenteado com pais tão especiais e que de tudo fizeram nesta vida para que nada me faltasse. Com o mestrado não foi diferente. Jamais mediram esforços para que minha pesquisa fosse realizada da maneira que planejei. Obrigada de toda a minha existência! Se estou aqui, foi porque com vocês aprendi a caminhar de maneira honesta e íntegra. Quero dizer que sou feliz em minha profissão, e muito! E vocês são os grandes personagens de tudo isso.

Augusto, contigo eu reconheci o amor, esse de querer bem alguém como um filho, tal qual as mães de primeira viagem falam. Não sou tua mãe, e sim tua irmã. Mas, te amo como uma mãe, seja pela nossa diferença de idade, ou porque quando eras bebê eu te carregava nos meus braços e mentia aos desconhecidos que eras meu filho. Mas quero te dizer que eu sempre quis ter um irmão, e então te ganhei de presente dos nossos pais. Agradeço todos os dias pela a tua existência e te quero sempre por perto, caminhando ao meu lado, pois tu és um dos motivos que dão sentido e força para a minha vida. Força esta que por muitas vezes me moveu e ajudou a permanecer firme nesta pesquisa: Obrigada, meu irmão!

Leandro, agradeço pelos ensinamentos compartilhados, por apostares e dares espaço para a realização desta pesquisa. Também me sinto grata por me apresentares para um mundo particular de estudos, repleto de possibilidades.

Ana Preve, contigo toda a “fome” de pesquisa se iniciou, ainda na graduação. Eram ciganos, trilhas, cidades, poesias, Calvino e Canetti. Agradeço por acreditar em meus anseios e dar força para que toda a pesquisa acontecesse.

Aos colegas do Grupo Tecendo, agradeço por esses dois anos de encontros e estudos. Foi muito bom poder terminar as quinzenais segundas-feiras de trabalhos com vocês!

Ao Davi, meu especial colega de mestrado. Uma amizade que ficou para a vida. Te agradeço por toda escuta, força, ânimo e amizade nessa trajetória. Nos bons e maus momentos tu estavas ao meu lado, e permaneces-te me segurando. Obrigada de coração, meu amigo!

Ao Tarcísio, pois com a amizade dessa alma gêmea eu tive o prazer de ser presenteada durante o mestrado. Obrigada pelos infinitos conselhos e pelo ombro amigo com o qual sempre pude contar. Amizade valiosa, que certamente permanecerá em nossas vidas.

Aos meus familiares amados, por vibrarem comigo e pela generosidade que sempre encontrei em suas casas e abraços. Em especial aos cinco pilares femininos da família que pertencem: Zoê Maria Matos Corrêa, Maria Loly Ribeiro Firmino (*in memoriam*), Zilé Matos Gonçalves, Stella Firmino de Oliveira (*in memoriam*) e Zaira Matos de Bittencourt. Mulheres guerreiras, encantadoras, inteligentes, honestas e fortes que sempre me inspiraram pelas suas trajetórias de vida. Para sempre no meu coração!

Vivi Ferreira e Ju Müller, queridas amigas do PPGE com quem por muitas vezes troquei confissões, desabafos e risadas. Vocês fizeram esta caminhada ser muito mais divertida! O meu carinho a essas duas amigas e Professoras!

Aos Professores do PPGE, com quem pude ter espaço para alargar meus pensamentos enquanto pesquisadora. Em especial à Professora Lúcia Schneider Hardt e ao Professor Wladimir Garcia, com quem pude ampliar minhas visões para com o mundo, seja ouvindo, observando ou sentindo o que estas pessoas emanam.

À Rede de pesquisas “Imagens, Geografias e Educação” que além das muitas amizades me ofereceu um requintado mundo, repleto de infinitos atravessamentos geográficos. Em especial à Professora Gisele Girardi, que com toda a sua delicadeza compôs minha banca de qualificação e defesa de mestrado.

Ao Grupo de pesquisa “Geografias de Experiência”, no qual por muitas vezes pude ser ouvida, abrigada e apoiada pelos colegas e amigos. Obrigada pelas trocas de material, pelas conversas geográficas e pelas cervejas juntos. Em especial à minha ex-Professora e amiga Karina, que prontamente cedeu espaço em suas turmas de alunos para que as oficinas fossem realizadas.

Àquelas pessoas que não passaram em minha vida por acaso e em mim muitas coisas boas deixaram, me rodeando com todo o seu apoio, amizade, respeito e incentivo: Fabio Baracuhy, Plínio Furtat, Professora Rosa Militz Wypczynski, Dino Corrêa, Mônica Candemil, Diego Molina, Lorenzo Serafini, Cássio Donadel Guterres e Luíza Fonseca.

Às alunas do curso de Pedagogia da UDESC, pelos ouvidos atentos, pelo olhar curioso e pela generosidade de compor com esta pesquisa de mestrado.

Aos desconhecidos que encontrei pelas ruas, que se dispuseram a conversar comigo e a mostrar sua cidade vista, sentida e experimentada.

E finalmente, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, por financiar esta pesquisa de mestrado em Educação.

A todos vocês o meu profundo, sincero e carinhoso “muito obrigada”!



Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.  
- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.  
- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco -, mas pela curva do arco que estas formam.  
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo.  
Depois acrescenta:  
- Por que falar de pedras? Só o arco me interessa.  
Polo responde:  
- Sem pedras o arco não existe.

Italo Calvino (1990)



## RESUMO

A presente pesquisa de mestrado discute e coloca em questão as imagens sobre a cidade de Florianópolis. Ao longo da dissertação o leitor acompanhará uma argumentação no sentido de que as imagens sobre as cidades, em um modo geral, estão recheadas por clichês. Os clichês apresentam-se para nós como conjuntos de informações disponíveis na cultura e que nos atravessam constituindo uma ideia de cidade bastante difícil de fugir. Tal ideia clichê nos enquadra em um determinado jeito de pensar Florianópolis, neste caso em particular. Para pensar sobre tais questões, a dissertação interage com Oficinas que foram construídas e desenvolvidas com pessoas, como uma maneira de tentar desconstruir tais ideias clichês sobre a cidade e inventar novas imagens sobre a mesma. O trabalho busca produzir um lastro de diferença naquilo que chega com as imagens da cidade, pois não é possível jogar fora e dar as costas para este material, mas sim remexer neste emaranhado e tentar produzir algumas linhas de fuga com ele. Imersa neste enredo e focada nos processos que a consolidam, esta pesquisa põe sua força em uma pergunta que a tece e a movimenta num todo: “Como é possível produzir outras imagens de Florianópolis, ainda que, um carregamento de clichês se debata sobre ela?”.

**Palavras-chave:** Cidade; Imagens; Ensino de Geografia; Educação; Oficinas.





## ABSTRACT

This Master research discusses and questions images of the city of Florianópolis. Throughout this study the reader will follow an argumentation regarding that city images, in general, are filled with clichés. This sort of clichés are shown to us as cultural information clusters that pass through us, constituting an idea of city which is difficult to avoid. Such idea frames us and charts a specific way of thinking, in this case, Florianópolis. In order to reflect over these questions, this study interacts with Workshops which were elaborated and conducted as a means to deconstruct the cliché ideas about the city and develop new ideas about it. The research aim at producing - as an outcome - a different view of the city images. Although it is not possible to discard this material, it is possible to stir this tangled mass and try to create lines of flight with it. This research immerses in and exerts over the question: “How is it possible to produce other images of Florianópolis in spite of a great deal of clichés over it?”.

**Keywords:** city; images; Geography teaching; education; workshops.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>2 UMA VIAGEM SEM VOLTA: QUASE UM MEMORIAL</b> .....	<b>27</b>
<b>3 POR QUE CARTOGRAFAR?</b> .....	<b>49</b>
3.1 OFICINAS: EXPERIÊNCIAS NÃO ESCOLARIZANTES.....	56
3.2 COMEÇANDO PELO MEIO: PROCESSUALIDADES INVENTIVAS.....	57
3.3 O ENCONTRAR E O APRENDER COM O DESCONHECIDO .....	73
<b>4 IMAGEM E CLICHÊ: ALÉM MAR</b> .....	<b>79</b>
4.1 AMPUTAR E SUBTRAIR: <i>UM VER A MAIS</i> NA CIDADE .....	85
<b>5 TEXTUALIDADES IMAGÉTICAS</b> .....	<b>95</b>
5.1 CAIXA DE FERRAMENTAS .....	95
5.2 IMAGENS-TEMPO .....	96
5.3 <i>FOTOMAPA</i> : GEOGRAFIAS DE <i>UM VER A MAIS</i> .....	101
5.4 DIÁRIO DE CAMPO: PERSONIMAGENS.....	116
5.5 IMAGENS PARA APRENDER COM O OUTRO.....	125
<b>6 OFICINAS: EXPERIMENTAÇÕES NA CIDADE</b> .....	<b>128</b>
6.1 CIDADE, LUGAR DO POSSÍVEL .....	128
6.2 PERDER-SE NA CIDADE: IMAGENS OUTRAS.....	136
6.3 OFICINAS DE ENCONTROS .....	140
<b>7 PENÚLTIMA PARADA: A CARTOGRAFIA PERCORRIDA</b> .....	<b>158</b>
<b>8 ESPAÇOS PARA O QUE FICA: UMA ESTAÇÃO</b> .....	<b>166</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>170</b>
<b>FILMOGRAFIA</b> .....	<b>176</b>
<b>ANEXO A</b> .....	<b>178</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da imersão em leituras, experiências, pensamentos e deslocamentos gerados neste *espaçotempo*<sup>1</sup> de processo de pesquisa de mestrado, tecido “em uma trajetória pessoal e coletiva” (ALVES E OLIVEIRA, 2004, p.21). As páginas escritas nesta produção acadêmica buscam trazer ao leitor imaginações espaciais sobre a cidade: modos de vê-la, senti-la, experimentá-la e vivê-la. É assim que este trabalho se tece, mas não se paralisa com o seu fim. Ele se coloca em aberto, à espera de novas e possíveis conexões.

Sendo a cidade de Florianópolis o palco desta pesquisa, ela coloca-se aqui como espaço de possibilidades para *um ver a mais*. O conceito de *espaço* compreendido neste trabalho é abordado pela geógrafa inglesa Doreen Massey, que traz o entendimento do mesmo como “a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço” (MASSEY, 2008, p. 29).

Assim, *um ver a mais* no *espaço* calca-se em dar existência, voz e corpo a essas trajetórias tão plurais que são próprias das pessoas que percorrem a cidade.

A pesquisa coloca como questão as imagens sobre a cidade de Florianópolis. Ao longo do trabalho, discutirei como tais imagens, veiculadas pelos meios de comunicação, estão carregadas de informações.

Esse conjunto de informações imagéticas sobre a cidade, que estão disponíveis na cultura e que nos atravessam, constitui em nós uma ideia de Florianópolis

---

<sup>1</sup> Cito essa noção de *espaçotempo* muito inspirada nos escritos de Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira, no artigo “Imagens de escolas: *espaçotempos* de diferenças no cotidiano” (2004).

que é muito difícil de fugir: um clichê. O problema do clichê está em sua potência de nos enquadrar em um padrão de ideias, paralisando-nos. Assim, por meio dessas imagens, o clichê presente nelas enquadra a cidade de certo modo trazendo consigo uma maneira uniformizada de pensar as produções imagéticas sobre o espaço em questão: Florianópolis.

Portanto, a pergunta que me leva a produzir esta pesquisa é: de que maneira é possível produzir outras imagens de Florianópolis, ainda que, um carregamento de clichês se debata sobre ela?

Na intenção de pensar coletivamente as imagens clichês de Florianópolis e ao mesmo tempo encontrar possíveis respostas para a pergunta desta dissertação, exploro aqui um território em Educação, que mesmo não pertencente a referências escolarizadoras, lida com a Educação de outra forma: as oficinas.

Sobre as oficinas, nos salienta Preve (2013a) que:

(...) quer-se experimentar uma questão, um conceito, uma noção. É nesse aspecto que ela não se pauta nas referências escolarizantes, cuja ênfase recai sobre o repasse de informação. No caso da Geografia escolar, a força está centrada na transmissão de informação sobre o espaço. A informação configura um mundo na medida de sua disponibilidade e das suas distribuições: mundo que se conhece não pela porção territorial percorrida, nem pelas experiências diretas no presente, mas, pelo acesso ao gás da informação a respeito do mundo. (PREVE, p. 258).

As oficinas trabalhadas ao longo desta pesquisa de mestrado buscam gerar e lidar com as imaginações espaciais produzidas a partir de linguagens imagéticas, logo, imagens que nos educam a “ver” o espaço. Assim, é no interior da própria imagem que novas e outras imaginações espaciais podem ser gestadas. Elas foram desenvolvidas e trabalhadas ao longo deste estudo na tentativa de desconstruir os clichês presentes nas imagens da cidade.

A pesquisa proveniente dos múltiplos atravessamentos enredados acima – “*Um ver a mais na cidade: Geografias, Imagens e Educação*” – desenha sua trajetória por meio de oficinas sobre o espaço urbano que buscam lidar com as imaginações espaciais (por este motivo, Geografias) resultantes delas a partir de fotografias como um processo educativo.

A fim de organizar esta trajetória percorrida por mim e pelos interlocutores desta dissertação de mestrado é possível ter uma breve noção dos temas abordados ao longo da pesquisa, por intermédio de breves resumos dos capítulos dispostos a seguir.

‘*Uma viagem sem volta: quase um memorial*’ – Capítulo 2 – Narra parte de minha trajetória até a chegada ao Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina, bem como minhas inquietações metodológicas e conceituais acerca da Educação Ambiental e da Geografia.

‘*Por que cartografar*’ – Capítulo 3 – Traz o aporte metodológico da pesquisa bem como as escolhas e referências utilizadas na sua construção.

‘*Imagem e clichê: além mar*’ – Capítulo 4 – Discute questões em torno do clichê, das imagens e da cidade por meio dos escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, bem como da literatura de Italo Calvino e Albert Camus. Também narra algumas experimentações vivenciadas por mim enquanto estagiária e professora de Geografia em uma escola da rede estadual de Santa Catarina.

*'Textualidades imagéticas'* – Capítulo 5 – Compila as imagens ligadas às processualidades, criação, execução e produto das oficinas. Atuam como textualidades imagéticas do processo de pesquisa que conversam com o leitor. Este capítulo traz também um *fotomapa*, que são fotografias que juntas ao contexto das oficinas compõem um mapa, e que mais adiante será abordado com maior detalhamento. Não se está a defender que toda fotografia é um mapa, apenas que, no território em que foram construídas as oficinas, essas fotografias contam imageticamente sobre tais espaços urbanos.

*'Oficinas: Experimentações na cidade'* – Capítulo 6 - Traz ao trabalho as narrativas das oficinas propostas ao longo da pesquisa. No decorrer deste capítulo, o leitor irá se deparar com alguns trechos do livro de Italo Calvino – *As cidades invisíveis* – postos meio às narrativas das oficinas. Tais trechos do livro encontram-se presentes ali, meio às narrativas das experimentações na cidade, pois durante a escrita desta dissertação de mestrado, minha memória remetia-me àquelas passagens do livro, que foi a força mobilizadora para a composição deste estudo e que foi lido por muitas vezes, quase que decorado por conta das inúmeras ocasiões que recorri a ele. Nesse misto de memórias e narrativas, mesclo tais trechos com a produção de escrita sobre as experiências na cidade.

*'Espaços para o que fica: uma estação'* – Capítulo 7 – Compõe com uma reflexão daquilo que foi feito, do que foi aprendido e do que ficou. Um até logo, uma breve ou longa despedida.

Ao longo do texto o leitor irá se deparar com algumas das falas proferidas nas oficinas por mim e pelos sujeitos da pesquisa. Esses diálogos estão grafados entre aspas, em fonte Times New Roman e em modo Itálico. Os nomes das pessoas que participaram da oficina foram modificados de forma a preservar o anonimato das mesmas. O leitor também irá se deparar com algumas frases igualmente grafadas no mesmo padrão já citado



anteriormente, contudo, algumas delas destacadas em negrito e cores diversas. Essas frases negritadas e coloridas estão postas desta forma por se tratarem de falas lindas e desconcertantes proferidas pelos participantes que encontrei pelas ruas de Florianópolis. São frases especiais, marcantes e cheias de significados, que muito nos ensinam sobre a cidade.

Sabendo de antemão que a introdução de um trabalho acadêmico, não é o local adequado para demarcar os aprendizados que uma pesquisa nos deixa, me vejo quase que obrigada a entregar ao leitor uma das coisas que compreendi em minha caminhada como pesquisadora. Aprendi que para se fazer uma viagem não é preciso sair do lugar. Ouso então, a convidar você, leitor, a me acompanhar nesta viagem que proponho nas páginas a seguir.



## 2 UMA VIAGEM SEM VOLTA: QUASE UM MEMORIAL

*Eu somos tristes. Não me engano, digo bem. Ou talvez: nós sou triste? Porque dentro de mim, não sou sozinho. Sou muitos. E esses todos disputam minha única vida. Vamos tendo nossas mortes. Mas parto foi só um. Aí, o problema. Por isso, quando conto a minha história me misturo, mulato não das raças, mas de existências.*

*[Mia Couto – Vozes Anotecidas]*

De uma minúscula cidade com pouco mais de treze mil habitantes no interior do sul de Santa Catarina, migrei para Florianópolis aos catorze anos para estudar o Ensino Médio. Desde pequena sou encantada por cidades movimentadas, caóticas e barulhentas. No meu mundo uma cidade com tais características, seria Florianópolis. Ela muito me encantava e fazia com que eu desejasse um futuro por aqui.

Lembro-me que quando pequena adorava vir a Florianópolis com meus avós maternos. Saíamos sempre muito cedo de Imaruí, e eu vinha dormindo no banco de trás do carro. Quando sentia o cheiro enjoativo de ração (misturado ao jejum causado pela ansiedade da noite anterior mal dormida pensando na hora da viagem) sabia que estava chegando perto da hora de entrar em ‘Floripa’. Levantava rápido e grudava na janela traseira do carro, esperando logo chegar à ponte Hercílio Luz, aquela que eu não entendia de maneira alguma, como um carro algum dia andou por ali sendo tão estreita e aguda. Será que não havia perigo do carro cair num movimento brusco da roda? Já adolescente fui descobrir que os carros não se locomoviam pelas torres da ponte, somente pelo vão

pênsil, e que o enjoativo cheiro de ração era oriundo de uma fábrica da Macedo<sup>2</sup>, que, na localidade de Palhoça, processava frangos para venda.

Andar no centro e ver as pessoas passarem correndo rumo a seus trabalhos, não entender por que todos tomavam café fora de casa e escutar de manhã cedo o barulho do trânsito, eram coisas que para mim só aconteciam em Florianópolis. Como era legal a movimentação de esperar minhas primas chegarem cansadas em casa do trabalho, morar em um apartamento e andar de ônibus circular pagando com um papelzinho insignificante. Até mesmo comprar o leite que vinha numa caixinha em vez do saquinho de plástico numa padaria que era muito longe, era um passeio divertido! Ver minha avó pedir para o moço da portaria para ele deixá-la entrar em sua própria casa era algo absurdo! Como assim temos sempre que pedir para entrar em casa? Sentada com meu avô na entrada do prédio eu ficava a olhar o engarrafamento de carros enquanto ele fumava seus cigarros. E sim, isso tudo era muito legal, interessante e diferente para uma menina que não tinha vizinhos e morava em um sítio de frente para uma lagoa, onde o máximo de barulho a ouvir eram as vacas que seu pai deixava um amigo criar no terreno. Nada contra minha cidade! Mesmo! Apenas aquele mundo de desvios do meu dia a dia era singular para mim. Diferente. Surpreendente. Você está me achando louca? Quem sabe, mas essas vivências contavam sobre a cidade que eu visitava nas férias de julho com meus avós: Florianópolis.

Essas memórias trazidas junto a mim ao longo da vida, muito transpareciam sobre alguns de meus interesses e gostos. Já na Universidade, como graduanda do curso Geografia, percebia afinidades com algumas questões ligadas ao meio urbano, suas problematizações e curiosidades. Contudo, esse campo de estudos era tratado

---

<sup>2</sup> Indústria especializada em processar carne de frango.

de forma bastante rápida, em virtude da centralidade do curso nas questões físicas e econômicas do ambiente, como Geologia, Geomorfologia, Geografia Econômica, Sensoriamento Remoto e Educação Ambiental em Geografia.

Desde os primeiros anos do curso de Geografia, carregava comigo uma noção pronta sobre esta recente área de produção de saberes, poderes e práticas que é a Educação Ambiental. Apesar de bastante discutida e estudada dentro da própria Universidade, a Educação Ambiental que eu via se fazia apenas de postulações de aulas de ecologia, lições de como separar e reciclar o lixo e de como o consumo da sociedade contemporânea afetava a saúde do planeta em que vivemos. Isso era o que eu via em muitos trabalhos de colegas da Universidade: aulas que buscavam informar e transmitir aos alunos conhecimentos sobre a importância e a necessidade de preservação dos ambientes naturais.

Mesmo tendo optado pela habilitação em Licenciatura, não me via trabalhando como educadora ambiental como a maioria de meus colegas, pois não conseguiria dar aulas de Geografia com aquelas informações ambientais ligadas somente aos fatores físicos, carregadas de moralismo e hábitos recomendados para salvar o planeta Terra, muitas vezes atendendo a interesses mercadológicos e midiáticos. Não me via reproduzindo aos alunos frases prontas e discursando sobre espécies vegetais típicas de cada ecossistema terrestre. Encontrava-me em uma situação muito delicada, pois em meu entendimento acabava sendo problemático “sair por aí repetindo *slogans preserve o meio ambiente, seja ecologicamente correto, salve as baleias, compre produtos verdes*”. (PREVE *et al.*, 2012, p. 15). Minhas questões com a Educação Ambiental tomavam uma direção bastante parecida com as discussões levantadas pelo livro *Ecologias*

*Inventivas: conversas sobre educação*<sup>3</sup> uma vez que o coletivo de pessoas envolvidas na organização deste livro estava a “inventar, traçar linhas de diferença nas conversas sobre educação e ambiente”. (PREVE *et al.*, 2012, p. 13).

Tudo o que via ao meu redor na Universidade, se relacionava com o Ensino de Geografia por meio da Educação Ambiental, que era até então o mais praticado e discutido campo dos trabalhos de conclusão de curso na habilitação em Licenciatura. Era como se a Educação Ambiental e a Geografia afirmassem uma a outra, sendo quase que a mesma coisa, já não sendo possível pensar separadamente cada uma delas. Aulas escolares que em nada diferiam da transmissão de conteúdos tão criticada na academia pelos Professores da mesma, apostilas sobre o meio ambiente “natural”, reciclagem do lixo, coleta seletiva e suas vantagens. Sempre os mesmos questionamentos resultando em práticas de separação do lixo, cartazes sobre o tempo de decomposição do plástico e redações sobre a poluição nas cidades.

A Educação Ambiental está “preenchida de termos, como conscientização, sensibilização, conservação, desenvolvimento sustentável, aquecimento global, consumo ‘verde’, entre outros” (PREVE *et al.*, 2012, p.13-14). O que sempre me incomodou nesse tipo de discurso e prática é o seu excessivo repasse de informações. Informações essas que muitas vezes operam de modo restritivo em relação a outras formas de perceber o mundo, anestesiando as pessoas da possibilidade de explorar o

---

<sup>3</sup> Este livro deriva do Seminário “Ecologias inventivas: conversas sobre educação”, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em agosto de 2010, pelo Grupo Tecendo (UFSC) e pelo Departamento de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O livro reúne pesquisadores de todo o Brasil, em geral oriundos do Grupo de Pesquisa coordenado por Marcos Reigota, trazendo textos que discutem as cidades, música, poesia e arte em seus entrelaçamentos com o ambiente.

ambiente. Certa vez, conversando com a Professora Ana<sup>4</sup> do curso de Geografia, na época orientadora de meu estágio de docência, comentei a possibilidade de dar continuidade aos estudos para obter a habilitação de Bacharel em Geografia. Entretanto minha dificuldade se concentrava no tema em que eu deveria eleger para elaborar uma pesquisa como trabalho de conclusão de curso na UDESC<sup>5</sup>. Percebia em muitos diálogos dentro e fora da sala de aula, que a grande preocupação dos professores e colegas se dava em delimitar *o que era e o que não era* Geografia, e claro, perdia-se em meio a todas essas falas aquilo que eu gostaria de pensar a partir e para além da Geografia.

Desde que me aproximei dos questionamentos sobre a Educação em Geografia por intermédio do estágio de docência supervisionado e do PIBID<sup>6</sup>, vi delineando-se algumas possibilidades para um estudo entre Educação, Geografia e cidade. Entre as muitas conversas que tive com minha orientadora nos perguntamos sobre um trabalho em Geografia relacionado à cidade, em Florianópolis. Na época não podia imaginar que meu anseio de pesquisa fosse possível, mas devido ao encontro com a Ana, essa professora que sempre se mostrou atenta e

---

<sup>4</sup> Refiro-me aqui a Professora Dr<sup>a</sup> Ana Maria Hoepers Preve, Departamento de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC /FAED.

<sup>5</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

<sup>6</sup> PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. O PIBID é um programa do Governo Federal que tem como objetivo a concessão de bolsas de iniciação à docência para alunos de cursos de licenciatura e para coordenadores e supervisores responsáveis institucionalmente pelo PIBID e demais despesas a ele vinculadas. O PIBID ao qual me refiro aqui é o de Geografia da UDESC/FAED que se desenvolve desde o semestre de 2011/2 na E.E.B. “Simão José Hess” e do qual fiz parte como bolsista no ano de 2011.

sensível aos interesses dos alunos, minhas vontades dentro da Geografia foram lentamente tomando uma delicada forma.

No início do ano de dois mil e onze, fui apresentada pela Ana ao livro *As cidades invisíveis* de Italo Calvino<sup>7</sup>. Encantei-me por esse autor e sua singular escrita, devido à sensibilidade e minúcia que encontrei nesse livro em especial. O autor cria e habita cidades imaginárias em uma história que narra experiências, reflexões e conjecturas.

A narrativa de Calvino se desenvolve no território do Império Mongol, onde o viajante veneziano Marco Polo conta ao imperador sobre os territórios que visita, mas que na verdade, são relatos sobre uma mesma cidade: Veneza. Polo batiza as cidades que relata com nomes de mulheres<sup>8</sup> e narra suas aventuras, características e olhares ao imperador mongol Kublai Khan. Esse tinha como pretensão construir um império perfeito e cartesiano ao ouvir tais relatos feitos pelos deslocamentos de Marco Polo. Seria isso possível?

Essa foi a pergunta à qual me prendi ao dar uma aula a convite de minha orientadora na UDESC. Sabendo de minha leitura e encantamento pelo livro, fui convidada a participar de uma discussão sobre “*As cidades invisíveis*” em uma turma de quinta fase de Geografia, na qual os alunos haviam realizado a leitura completa do livro.

Nessa aula percebo o quanto aquela leitura permitiu aos alunos fazerem movimentações naquelas cidades imaginadas por Calvino. Eles trouxeram para a discussão em sala detalhes do livro onde se encontram noções de organização do espaço, de Geografia urbana, no sentido da

---

<sup>7</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Companhia das letras, 1990. 1ª Ed [*Le città invisibili*, 1972], Tradução: Diogo Mainardi.

<sup>8</sup> Cecília, Leônia, Tamara, Adelma, Berenice, Otávia, Armila, Cloé, Fedora, Dorotéia, Anastácia, dentre outras.



cidade possuir um trajeto pré-selecionado para ser visto e mostrado, logo, a presença de símbolos representativos na cidade, que nos dizem como devemos vê-la, entendê-la e reproduzi-la.

O enredo trazido para abordagem pelos alunos é amplo e profundamente discutido por Beatriz Sarlo em seu livro *La ciudad vista: mercancías y cultura urbana*, no qual a autora faz uma análise sobre a cultura urbana da cidade de Buenos Aires, capital da Argentina. Discutindo as imagens dessa cidade, a autora questiona sobre os modelos culturais da atualidade:

[...] modelos culturales que se construyen em una ciudad para transmitirlos a sus propios habitantes y a los visitantes. No ¿cuál es la identidad de esta ciudad?, lo que es innecesario o imposible responder, sino ¿qué identidad dice esta ciudad que es la suya para convencer a otros y convencerse a si mesma? La ‘originalidad’, la ‘personalidad’, la ‘peculiaridad’ tal como aparecen en los discursos del turismo o en aquellos que los porteños articulan y consumen sobre *barrios culturales*, como Palermo, o cibercidades desmaterializadas. (SARLO, 2010, p. 11).

Os alunos também discutiram sobre o quanto as cidades de Calvino nos sensibilizavam a ponto de pensar para além desses símbolos clichês da cidade, que segundo o autor “repetem-se para fixar alguma imagem na mente” (CALVINO, 1990, p. 23) tornando-se parte dela.

Volto dessa aula muito entusiasmada com o que os alunos me narraram. Em minha escrivaninha de casa abro

o livro trabalhado a fim de procurar a passagem que me remeteu a aula, e Calvino me afirma:

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (CALVINO, 1990, p. 18).

*As cidades invisíveis* de Italo Calvino narra outros modos de ver a cidade, deformando o clichê a que estão quase sempre fadadas, devido ao excesso de informação pelo qual a cidade se define em infinitas repetições do mesmo, criando outras imagens de cidades. Ou muitas imagens de uma mesma cidade. A fuga produzida por Calvino em sua literatura é um exemplo de como as imagens podem vir a ser submetidas em seu uso, pois ele cria aberturas para que possamos viajar por novos e diferentes espaços nessas cidades. O livro é um exemplo de literatura em que a escrita perfura o clichê, criando possibilidades para pensar outras cidades na cidade e ampliando as possibilidades do ambiente e do espaço geográfico.

A cada página do livro que passavam meus olhos, me deparava com singulares surpresas de criação imaginária no espaço geográfico. Em Dorotéia, por exemplo, Marco Polo fala sobre a sensação em uma manhã na cidade que se definia como uma imensa extensão desértica: “senti que não havia bem que não pudesse esperar da vida”. (CALVINO, 1990, p. 13). Já em Aglaura, o viajante lamenta que “os habitantes sempre imaginam habitar numa Aglaura que só cresce em função do nome Aglaura e não se dão conta da Aglaura que cresce sobre o

solo”. (CALVINO, 1990, p. 66). Em Despina era possível observar “as janelas térreas iluminadas, cada uma com uma mulher que se penteia”. (CALVINO, 1990, p. 21), e em Zoé a cidade o coloca em dúvida:

se a existência em todos os momentos é uma única, a cidade de Zoé é o lugar da existência indivisível. Mas então qual é o motivo da cidade? Qual é a linha que separa a parte de dentro da de fora, o estampido das rodas do uivo dos lobos?. (CALVINO, 1990, p. 34-35).

Quase um ano após a atividade com o livro *As cidades invisíveis* e paralelamente a algumas leituras que continuavam sendo feitas por mim, ingressei no ano de dois mil e doze como bolsista do Programa de Extensão *Educação Ambiental na Escola: Ecossistemas da Ilha de Santa Catarina*. Nesse projeto acompanhava alguns trabalhos em Educação Ambiental desenvolvidos em parceria entre a UDESC e a Escola de Educação Básica ‘Porto do Rio Tavares’. Minha função era auxiliar os projetos organizados pelas professoras da Educação Básica dessa escola, visto que minha entrada no projeto se deu na condição de continuidade de um trabalho que já vinha sendo desenvolvido por outras bolsistas, assim minha função era manter as atividades em funcionamento de acordo com o que já havia sido preestabelecido. Muitas das professoras se mostravam interessadas em movimentar as questões da Educação Ambiental na escola, pelo fato da localização da mesma se dar sobre um manguezal. Os assuntos mais debatidos e trabalhados em sala de aula tinham como temática o manguezal, os problemas que ele apresentava, os riscos que a população corria caso aquele ambiente não fosse preservado e o conhecimento das espécies que ali viviam. Trabalhávamos com filmes, livros

infantis, animações em vídeo, bonecos, maquetes, mapas e jogos: tudo relacionado ao ambiente em que a escola se inseria: o manguezal.

A participação nesse projeto mexeu muito com meus anseios como professora dentro e fora da sala de aula, pois via ali a vontade daquelas professoras em trabalhar o manguezal das mais diversas formas possíveis, redesenhando suas práticas de diversas maneiras inventivas.

Em uma de nossas conversas na volta para casa, durante esse programa de extensão no qual eu estava trabalhando, Ana me falava sobre a ‘verdade’ de nossas pesquisas. Dizia ela que precisávamos pesquisar com a alma algo que realmente nos dava prazer, que desejássemos, que nos movimentasse e nos fizesse vibrar em torno daquilo que escolhemos para estudar e lendo o memorial de sua tese de doutorado, acho uma frase que resume muito do que ela conversava comigo, eu precisava encontrar “ideias cuja força viva é idêntica à da fome”. (ARTAUD, 1999, p. 1). Ensimesmada em casa, fiquei com suas palavras reverberando em minha cabeça, sabendo que ainda muita coisa estava mal construída em minha concepção sobre a Geografia e a Educação Ambiental, ou que aquilo que eu tinha como opinião formada, era pouco, aliás, concebia uma parte muito pequena da abrangência dessas áreas de estudos.

Nos dias seguintes à nossa conversa fiquei perturbada ao me dar conta de como determinadas práticas consolidadas ao longo do tempo na Universidade e na Escola fortalecem e reverberam um pensamento unilateral e verticalizado sobre áreas de estudos tão vastas como a Educação Ambiental e a Geografia. Por que associamos o meio ambiente “natural” e a Geografia à cor verde? Essa e outras questões dão pistas de como nos tornamos reprodutores de lugares-comuns que buscam reduzir campos de estudos a meras práticas mecânicas e repetitivas. Era como se eu estivesse com uma venda nos

olhos que me impedia de ver todas as demais possibilidades que a Geografia poderia me oferecer. Ainda um tanto confusa e bastante pensativa me entreguei a trabalhar em busca da fome de minha pesquisa.

Coloquei-me então no desafio de rever conceitos, de quebrar as palavras de ordem da Geografia e de pensá-las de outras formas, de outros lugares e de outros referenciais. Na busca de revisitar conceitos chego a um lugar conceitual: o *espaço*.

O *espaço*, um dos (se não o principal) conceitos mais discutidos no curso de Geografia, se configurava até então para mim como o palco de acontecimentos oriundos das interações entre as pessoas e o meio em que elas vivem. Contudo, para além do espaço constituir-se apenas como uma superfície plana, a geógrafa inglesa Doreen Massey (2008) nos salienta que ele vem a se configurar “como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade” (p. 31).

No contato inicial que mantive com os escritos de Doreen Massey em seu livro *Pelo espaço - Uma nova política da espacialidade*, deu-se para mim uma reconfiguração do conceito de *espaço*, e esse vem a se organizar por meio de múltiplos atravessamentos que compõem o planeta em que vivemos, sejam eles ‘naturais’, históricos, geográficos, sociais, visíveis ou invisíveis. Para muito além de um conceito geográfico, o *espaço* coloca-se como um emaranhado de inesgotáveis e complexos atravessamentos de existências.

Neste momento já me encontro em contato com um tipo diferente de bibliografia que vinha estudando ao longo de três anos em comum com os demais colegas do Bacharelado em Geografia<sup>9</sup>, fruto de interesses e encontros

---

<sup>9</sup> Cursei Geografia na UDESC até os três primeiros anos juntamente aos alunos do bacharelado, portanto, até os três primeiros anos o curso é o mesmo para todas as habilitações.

de estudos com minha orientadora e como integrante do *Grupo Geografias de Experiência* vinculado ao *Projeto Interinstitucional “Imagens, Geografias e Educação”<sup>10</sup>*, com o intuito de direcionar minhas leituras para outra forma de pensar a Geografia. Autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Doreen Massey, Jorge Larrosa, Michel Foucault, Peter Pál Pelbart, dentre outros, me davam pistas, pequenos indicativos de como desfazer as noções e imagens clichês, as informações postuladas e cristalizadas sobre a Geografia que tanto funcionavam em mim até então. O encontro com esses autores oportunizou a abertura de um pensamento, quem sabe até a criação de um novo território em mim, para pensar a Geografia e suas possibilidades. De uma noção estreita e reduzida, passo a entender termos como ‘*espaço*’, ‘*Geografia*’, ‘*cidade*’, ‘*clichê*’, ‘*educação*’ e “*imagem*” como um complexo de muitos atravessamentos. Nada mais era tão simples e infrutífero como antes: nessas leituras encontro um mundo de possibilidades para esses conceitos.

Uma Geografia que funcione somente fortalecendo e repetindo clichês nos faz reprodutores de imagens e discursos que podem imobilizar nossas possibilidades para com o espaço. Já atuando como professora folheava os livros didáticos e percebia o quanto aquelas imagens paralisavam o pensamento, a fala e a criatividade de meus alunos. Uma África pobre, árida e faminta. Uma Amazônia que se limitava a ser vista por suas robustas árvores verdes. Um rio São Francisco que se restringia a ser palco para muitos problemas ambientais. Uma Florianópolis açoriana, verde e quase que cosmopolita em suas dimensões

---

Somente a partir do último ano os alunos direcionam para a habilitação preferida, no meu caso, a licenciatura.

<sup>10</sup> A Rede “Imagens, Geografias e Educação” (Processo CNPQ 477376/2011-8), da qual faço parte, busca consolidar seis grupos de pesquisadores oriundos de diversos estados Brasileiros, e busca o estudo e a criação de trabalhos que potencializem novas formas de imaginar o espaço. Site: <http://www.geoimagens.net>

fotográficas. Imagens, ideias clichês que serviam como a ‘prova real’ de um determinado discurso sobre a Geografia dos lugares e das pessoas. Apenas repetições do mesmo, não havia algo que mobilizasse novos pensamentos e imagens nesses materiais.

Segundo Gilles Deleuze (2006), em seu livro *Lógica do sentido*, é na imagem clichê que se inicia o pensamento de algo. O esforço para com o clichê da imagem é o de feri-lo e amassá-lo, criando situações para que as imagens não se reduzam a meros esquemas representativos das coisas. Sendo a imagem uma potência em si que dispõe de mecanismos para que possamos perturbar o clichê existente nela mesma, me arrisquei aqui a criar outras experimentações que possibilitem, então, *um ver a mais* na cidade.

Os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, em alguns dos textos que estudei, pensam com e pelos clichês para junto deles propor atravessamentos e esvaziamentos daquilo que já vinha sendo produzido sobre certas práticas. O clichê anestesia nossa percepção? O que existe entre, embaixo, em cima, pelos lados e atravessando o clichê de nossos pensamentos?

Como pesquisadora percorro essa trajetória para experimentar uma forma de fazer Geografia, entre muitas outras possíveis e ao mesmo tempo instigantes, que possa se movimentar com e no clichê para assim poder “fazer buracos, introduzir vazios e espaços em branco, rarefazer a imagem, suprimir dela muitas coisas que foram acrescentadas para nos fazer crer que víamos tudo”. (DELEUZE, 2007, p. 32).

Wenceslao Machado de Oliveira Jr escreve em seu artigo *Grafiar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores*, sobre o que chama de uma *Geografia menor*, à luz das palavras de Ana Godoy em seu livro *A menor das ecologias*, onde a autora frisa que:

[...] a menor das ecologias não se confunde com uma ecologia de minorias ou alternativa; ela não diz respeito ao reconhecimento e à inclusão de grupos minoritários dentro de um padrão majoritário; [...] trata-se de experimentar outros arranjos, inventando outras maquinações, que possibilitem levar os conceitos e as noções ao máximo de sua potência. (GODOY, 2008, p. 59).

Dessa forma, quando se fala em uma *Geografia menor* não se está a discutir sobre algo descolado da Geografia institucionalizada, mas sim de um possível tratamento desse campo, por meio de múltiplas maneiras de experimentá-lo. Não se está aqui querendo ressaltar Geografias distintas, pelo contrário, o campo de estudos a ser experimentado é um só: a Geografia. Portanto, o anseio que se coloca aqui é o de provocar variações no tratamento do modelo de Geografia que vigora atualmente nas instituições, como nos afirma Oliveira Jr. (2009, p. 26) por intermédio de “ecologias [geografias] menores gestadas nas maquinações e nos arranjos novos, inusitados”.

Aproximando-me de uma *Geografia menor* é importante frisar que essa, assim como a literatura menor, “não pertence a uma língua menor, mas antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior” (DELEUZE, 1997, p. 38), logo, uma Geografia que não é menor nem inferior, mas que pertence a uma minoria criadora, vital e poética que deriva e resiste *com* uma Geografia maior.

Pois bem, no ano de dois mil e doze, como produto das leituras e dos escritos que vinham sendo produzidos por mim, resultei na construção de um pré-projeto de mestrado, com qual cheguei após um concorrido processo seletivo, ao Mestrado em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal



de Santa Catarina (UFSC), onde fui aprovada como aluna orientanda do Professor Doutor Leandro Belinaso Guimarães em três etapas: análise do projeto de pesquisa, prova escrita e arguição do mesmo. Realizada e muito feliz com a conquista alcançada, lembro-me com muitos detalhes do dia de minha aprovação. Foram muitos telefonemas, choros, gritos, sorrisos, alívio, agradecimentos a pessoas especiais que me apoiaram nesta caminhada e também muita comemoração com a ‘Coruja’, minha cerveja favorita! Nesse dia muitas ‘Corujas’ foram colocadas para voar!

Após um breve período de greve na Universidade, no mês de agosto começaram minhas aulas como Mestranda em Educação na UFSC. Um novo ciclo iniciou-se aqui: encontros com pessoas inspiradoras e importantes para o pensamento e construção de minha pesquisa. A constante motivação dos novos colegas aliada às frutíferas e proveitosas aulas com os Professores do PPGE foram imprescindíveis para a lapidação de meu projeto de mestrado.

Quando submeti meu pré-projeto de mestrado ao PPGE e em especial ao Professor Leandro<sup>11</sup>, fiz tal escolha em um primeiro momento mediante a leitura de alguns de seus artigos publicados em congressos e revistas que eu havia lido para compor meu pré-projeto<sup>12</sup>, bem como a

---

<sup>11</sup> Na seleção de mestrado do PPGE não é possível o aluno escolher o Professor orientador. Contudo, sem saber dessa regra, em meu pré-projeto pus o nome do Professor Leandro como aquele que eu gostaria que me orientasse, devido às leituras que tinha feito de alguns de seus trabalhos e que me fizeram procurar esse, e não outro Professor, para ser meu orientador.

<sup>12</sup> Os artigos lidos naquele momento foram: GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Fulgurações: pelos rastros da educação ambiental. In: Ana Maria Preve; Guilherme Corrêa. (Org.). *Ambientes da Ecologia: perspectivas em política e educação*. 1ed. Santa Maria: UFSM, 2007, v. 1, p. 177-186.

leitura de outros trabalhos desenvolvidos pelo mesmo no curso de licenciatura em Biologia da UFSC. Muito me chamava atenção o diferencial de seus trabalhos no campo da Educação Ambiental, o qual seus escritos não se resumiam às tradicionais práticas já citadas anteriormente. O Professor se mostrava interessado em resgatar e criar sensibilidades para com o ambiente vivido.

Em uma primeira reunião de orientação, fui apresentada às suas atividades dentro da UFSC. Em sua trajetória como pesquisador dessa Universidade, Leandro havia criado, em seus primórdios junto aos estudantes do curso de Biologia, um grupo, hoje multidisciplinar de pesquisa chamado *Tecendo: Educação Ambiental e Estudos Culturais*. O Tecendo seria então o grupo que eu frequentaria dali para frente, com o intuito de discutir e pensar minha pesquisa juntamente aos demais trabalhos e pesquisadores que vinham estudando temas que envolviam questões sobre educação, ambiente, arte e cultura.

Cheguei no programa de mestrado ao meu orientador com um pré-projeto intitulado *Educação Ambiental na cidade: trilhas urbanas para um ver a mais*. Com o decorrer do tempo entre as disciplinas cursadas, o encontro com colegas e trabalhos do *Grupo Tecendo*,

---

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. É possível um território familiar estar ao mesmo tempo estrangeiro?. In: Carlos Skliar. (Org.). *Derrida & a Educação*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 39-49.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; PREVE, A. M. H. . Fotografias de deslocamentos no ambiente: fugas em uma prática educativa. In: IX ANPED-SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012, Caxias do Sul. ANAIS da IX ANPED-SUL. Caxias do Sul: UCS, 2012. v. 1. p. 1-12.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O que eu poderia ser [ou estar sendo] se fosse para outro lugar [na mesma cidade que habito]?. In: XV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2010, Belo Horizonte. Anais do XV ENDIPE. Belo Horizonte: UFMG, 2010. v. 1. p. 01-08.

minha pesquisa se reconfigurou em algumas de suas partes, transformando-se quase que em toda sua estrutura.

Dentre as leituras sugeridas pelo meu orientador com o intuito de movimentar meu pensamento e discutir alguns pontos de minha pesquisa, leio a dissertação de mestrado de Janice Zanco<sup>13</sup>, educadora do Grupo Tecendo, com a qual faço paralelos em alguns questionamentos referentes ao meu próprio trabalho. Algumas inquietações levantadas por mim se davam em torno da palavra ‘trilha’.

Inicialmente, meu trabalho girava em torno de *um ver a mais* na cidade de Florianópolis por meio de trilhas urbanas, trajetos pré-selecionados por mim com o intuito de experimentar a cidade. Contudo, na leitura do trabalho de Janice, percebo que essa educadora, em especial, buscou em seu trabalho outros modos de ver o Parque da Lagoa do Peri por intermédio da desconstrução das trilhas já demarcadas no local. Janice mergulhou na problematização dessas trilhas para com elas possibilitar a produção de outros olhares juntamente às crianças da comunidade.

Diferentemente de Janice, que optou por buscar um novo olhar *com* as trilhas, sentia que o tom de meu trabalho poderia estar se anulando justamente por sua relação *com a presença* delas. O fato das trilhas possuírem um trajeto já previamente selecionado para ser percorrido, em meu ponto de vista, poderia vir a esbarrar com algum anseio ou possibilidade de expressão criativa do olhar para fora de tal demarcação do espaço a ser percorrido. Para tanto, as questões levantadas por Guimarães (2005)

---

<sup>13</sup> ZANCO, Janice. Dona Generosa e as crianças disparam outros modos de ver a Lagoa do Peri. 117p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Florianópolis, 2010.

movimentavam e inquietavam minhas questões relacionadas às trilhas:

E se a trilha, nas ruas e praças que nos são tão familiares, fosse mesmo durante o dia, mas, agora, feita sem termos lugar algum onde chegar, sem termos pressa alguma ao caminhar, sem querermos pergunta alguma fazer, aquelas ruas tão familiares nos seriam de repente assustadoramente estrangeiras? (p. 45).

Fiquei por dias a pensar, que possibilidades de pensamento as tais trilhas urbanas poderiam vir a criar na pesquisa? As perguntas que Guimarães (2005) colocava em discussão em seu artigo *É possível um território familiar estar ao mesmo tempo estrangeiro?* reverberavam em minha mente e questionavam a proposição de minhas oficinas na cidade com trilhas urbanas

Mas e se de repente não houvesse mais nenhum caminho previamente definido? E se não houvesse nada para ser explicado? Nenhum ponto de parada. E se desviássemos do caminho? E se caminhássemos em silêncio? E se nos perdêssemos por alguns instantes? (p. 44)

Inspirada por tais questionamentos, coloquei-me a pensar por que motivo propor ainda mais trilhas na cidade, se em nosso deslocamento por ela obedecemos sempre os mesmos trajetos que nos levam a olhar, perceber e experimentar sempre aos mesmos lugares: as trilhas urbanas já eram obedecidas por nós! Além disso, a cidade

experimentada por meio de trilhas urbanas, assim como um parque por intermédio das trilhas de educação ambiental “impõem sua língua a todos aqueles que nele irão viver e a todos aqueles que a ele irão visitar”. (GUIMARÃES, 2005, p.45). Nesses percursos, algo impera, que é a imposição de “uma só língua, a hospitalidade, quiçá, oferecida, só pode ser regida por algumas leis que dizem em qual língua deve-se, naquele território, falar”. (GUIMARÃES, 2005, p. 45). Contrariamente, o trabalho interessava-se naquilo que não era experimentado, visitado e sentido pelo fato de percorrermos sempre as mesmas trilhas, buscando diversificadas formas de expressão para com aquele espaço experimentado.

Desse modo, esta pesquisa de mestrado se preocupa em dar existência por meio de imagens àquilo que o clichê pode vir a suprimir em nosso cotidiano. É importante ressaltar de antemão, que não se sabia qual seria o tom dos resultados na proposição das oficinas, uma vez que o que interessava era a possibilidade de experiência no espaço da cidade de Florianópolis na construção de outra forma de perceber, para *um ver a mais*, ver além do que já existe.

Imagens da cidade não nos faltam, observando o que nos rodeia podemos encontrar à nossa disposição cartões postais, propagandas, guias turísticos, jornais, novelas, revistas, livros: um arsenal imagético imenso. A reprodução dessas imagens se dá em ritmo desmesurado por bilhares de pessoas e máquinas no mundo, logo, imagens da cidade são mais acessíveis do que a cidade em si. Dessa forma, o que nos falta são ideias que permitam movimentos em uma cidade que nem sempre é experimentada em toda sua potencialidade.

O que existe ou inexistente por trás, dentro, entre e além deste emaranhado de clichês que se sustenta e codifica a cidade de Florianópolis? Sob esse mesmo ponto de vista, Peter Pál Pelbart (2000) nos questiona:

O quanto a cidade preserva ainda seu caráter de exterioridade, o quanto ela comporta de virtualidade, e o quanto ela constitui ainda um meio a ser explorado, o quanto ela se presta todavia a novos trajetos, a novos traçados de vida? (p. 45)

Essas leituras e conexões iniciaram em mim uma abertura de conceitos até então fechados que eu trazia sobre a Geografia, o espaço, a cidade, as imagens, o mundo! Sobre eu mesma e a vida. Como o leitor vai percebendo, esta pesquisa foi se desenhando por meio de minhas vivências e inquietações de um pensamento que não se contentava com o que já estava dado, bem como do encontro com pessoas incríveis e inspiradoras, conversas, livros, filmes, situações, fotografias e músicas.

Sendo esta pesquisa tão parecida em sua essência com o conceito de ‘espaço’ defendido por Doreen Massey, ela é compreendida de forma jamais acabada, nunca fechada. Assim ousou fazer um paralelo entre esta pesquisa, e os escritos de Massey, pois “talvez pudéssemos imaginá-la como uma simultaneidade de histórias-até-agora”. (MASSEY, 2008, p. 29).

Nas páginas anteriores mencionei o espaço, a cidade, olhares, multiplicidades, heterogeneidades, experiências, movimentos, clichês, imagens, geografia e educação. Para que todas essas palavras possam se interligar e compor este trabalho, cabe-nos aqui ouvir, sentir, descobrir, afogar, cobrir, desfazer, rasgar, fazer, vender, amassar, desvendar, inventar, imaginar a cidade! Percorrer os clichês para com eles sensibilizar um corpo e uma mente adormecida para que surjam possibilidades no espaço, mas para que, sobretudo, jamais nos tornemos imóveis frente àquilo que Italo Calvino nos ressalta:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (CALVINO, 1990, p. 150).





### 3 POR QUE CARTOGRAFAR?

Como aliar uma metodologia de pesquisa a um trabalho que não se sabe e nem se quer saber, de antemão, aonde se vai chegar? De que maneira não criar modelos a serem seguidos e protocolos a serem cumpridos em um trabalho onde se busca possibilitar a criação de algo que seja construído no decorrer de um processo?

Pois bem, essas eram as perguntas que insistentemente reverberavam em minha mente durante as primeiras disciplinas obrigatórias que cursei no programa de mestrado. Sempre que alguma professora ou professor nos perguntava sobre nossas pesquisas, a questão seguinte era sempre sobre a metodologia a ser operada. Preocupada com tais questões de ordem metodológica, me via na necessidade de encontrar suporte para aportar minhas discussões.

Sentia dificuldade em encontrar de imediato uma metodologia a operar a pesquisa, pois a proposta do trabalho consistia em:

[...] fazer falar aquilo que ainda não se encontrava na esfera do já sabido, acessar a experiência de cada um, fazer conexões [...] eles e tudo o que vive no cruzamento e nas franjas desses territórios existenciais. (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 61).

Era preciso de tempo e estudo para compreender a melhor maneira de efetuar a pesquisa.

Na tarefa de levar para uma das disciplinas um texto sobre a metodologia de orientação de minha pesquisa, me pus a estudar sobre a cartografia como um método de pesquisa-intervenção. O breve contato que tive com

escritos sobre esse tema estava ligado a alguns trabalhos<sup>14</sup> lidos antes de ingressar como mestranda e outros já como aluna do PPGE. Até então não tinha muita clareza sobre o método da cartografia, sabia o básico, contudo, pensava que valia a pena me aprofundar nas questões próprias dessa metodologia para uma possível utilização da mesma. Também no coletivo de pesquisadores que eu participava como mestranda, o grupo Tecendo, a cartografia era tomada conceitualmente de outras formas e atribuída a outros sentidos<sup>15</sup>.

Nas discussões e estudos sobre a metodologia cartográfica, encontro um jeito potente de produzir a diferença proposta nesta pesquisa com os escritos de Suely Rolnik, Virgínia Kastrup, Eduardo Passos e Liliana da Escóssia, que são os pilares de sustentação teórica desta dissertação de mestrado.

Dois livros foram de suma e crucial importância para o aprofundamento nos estudos sobre o método da cartografia. O primeiro deles foi “*Cartografia Sentimental*

---

<sup>14</sup> Um dos trabalhos que tive contato é a tese de doutorado da Professora Dr<sup>a</sup> Ana Maria Hoepers Preve (UDESC/FAED). A tese coloca-se como um mapa, uma cartografia, e é intitulada “Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação” disponível na biblioteca virtual da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>.

<sup>15</sup> Juliana Cristina Pereira, uma das colegas de pesquisa, na época doutoranda no Tecendo, propunha as Cartografias Afetivas em que com elas, “busca-se criar cartografias diversas, construindo coletivamente reflexões acerca do ser *professor-artista-cartógrafo-etc*”. (PEREIRA, 2014, p. 106). Outra colega, pesquisadora e também na época doutoranda no grupo, Karina Rousseng Dal Pont, utiliza a arte em sua então pesquisa de doutorado para fazer possíveis conexões entre essa e o ensino de cartografia. Ambos os trabalhos sobre esses diversificados usos da cartografia podem ser encontrados no endereço: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/issue/view/1675>. Acesso em: set. 2014.

– *Transformações Contemporâneas do Desejo*”, no qual Suely Rolnik faz uma *Cartografia Sentimental* do mundo que a rodeia na década de oitenta, trazendo ao leitor discussões sobre psicanálise e subjetividade. A narrativa do livro acontece ao passo que acompanhamos a trajetória do personagem do cartógrafo. Este, por sua vez, traz à narrativa a companhia das noivinhas<sup>16</sup>, que também são personagens conceituais do livro que se caracterizam pelo desejo e suas transformações ao longo dos tempos.

O segundo livro que permeou minha pesquisa metodológica foi *“Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”*, organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. O livro traz oito artigos que se aprofundam em discutir sobre as pistas do método da cartografia, não sendo obrigatória a leitura contínua e sequencial de cada artigo.

O método da cartografia traz consigo o desejo de abarcar o caráter inventivo das pesquisas, que para Barros e Kastrup (2009) é o que permite:

[...] colocar a ciência em constante movimento de transformação, não apenas refazendo seus enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas originais de investigação. É nesse contexto que surge a proposta do método da cartografia, quem tem como desafio desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividade (p. 56).

---

<sup>16</sup> “As noivinhas são 24 figuras-tipo do feminino que dão pistas ao cartógrafo que quer acompanhar as mutações do capitalismo em sua relação com as políticas de subjetivação”. (PASSOS; KASTRUP; DA ESCÓSSIA, 2009, p. 11).

Imersa nas leituras desse método, me coloquei a construir a metodologia da pesquisa, interessando-me pela clara ligação na questão processual do trabalho, pois “a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos”. (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 53).

O pesquisador que se põe a trabalhar com o método cartográfico, coloca-se tal qual um cartógrafo, melhor dizendo, ele personifica um cartógrafo, pois assume a postura de compartilhar o caminhar do pesquisar. Dessa forma “a ação de acompanhar processos será detectada pelo leitor”. (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 53).

De acordo com Barros e Kastrup (2009), a pesquisa cartográfica, muito se aproxima da pesquisa etnográfica na medida em que ambas lançam mão de uma observação participante. O cartógrafo em campo “requer a habitação de um território que em princípio, ele não habita” (BARROS E KASTRUP, 2009, p.56), pois “sempre que [...] entra em campo há processos em curso”. (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 56). É nesse território em constante formação e transformação que esta pesquisa acontece, uma vez que “o desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro” (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 57). Nessa mesma direção, o cartógrafo:

[...] se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações. Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual. A espessura processual é tudo aquilo que impede que o território seja um meio ambiente composto de formas

a serem representadas ou de informações a serem coletadas. Em outras palavras, o território espesso contrasta com o meio informacional raso (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 59).

Na busca por procedimentos mais abertos e menos cartesianos que fizessem conexões com arte, literatura e cinema, entendo que o trabalho encontra-se em uma linha de pesquisas em que “os processos de produção de realidade se expressam de múltiplas maneiras” (PASSOS; KASTRUP; DA ESCÓSSIA, 2009, p. 8) e assim compreendo-me como uma pesquisadora cartógrafa que não está em busca de formulação de regras ou criação de protocolos. Portanto, não é o caso deste trabalho não possuir uma direção: sim ela existe! Acredito que estou a navegar ao encontro de uma:

[...] geologia filosófico-política que convoca a uma decisão metodológica, ou melhor, a uma atitude (*ethos* da pesquisa) que opera não por unificação/totalização, mas por ‘subtração do único’ como na fórmula do n-1. Menos o Uno. Menos o todo, de tal maneira que a realidade se apresenta como plano de composição de elementos heterogêneos e de função heterogenética: plano de diferenças e plano do diferir frente ao qual o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que se pensa. Eis então o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, conexão de redes ou

rizomas. (PASSOS; KASTRUP; DA ESCÓSSIA, 2009, p. 10).

Sendo a cartografia um método de pesquisa que toma forma no acompanhamento de percursos, conexão de redes ou rizomas, Deleuze e Guattari (1995) argumentam que tal modo de operar:

[...] surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática em um princípio inteiramente voltado para uma experiência ancorada no real. (p. 21).

Assim, comprometido com a ‘realidade’ o cartógrafo lança mão de situações que abram espaços para o acontecimento de processos. Desse modo, um tipo de sensibilidade se faz necessária a ser incorporada pelo cartógrafo: a abertura ao plano de afetos (BARROS E KASTRUP, 2009), pois segundo Suely Rolnik (2007):

Entender, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência -, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. (p. 66).

De acordo com Passos, Kastrup e Da Escóssia, a palavra *metodologia* se conceitua e define por um conjunto de regras previamente estabelecidas. Sua etimologia tem

origem no grego, com a palavra *metá-hodos*<sup>17</sup> e significa que um pensamento é construído por meio de um caminho, o *hódos*, que é determinado pelas metas dadas de saída.

Baseada na ideia apontada pelos autores já citados anteriormente, a metodologia deste trabalho se firma na condição de uma reversão metodológica, que segundo Passos; Kastrup; Da Escóssia (2009) vai “transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*” (p.10). Portanto, coloque-me aqui na direção de uma:

[...] aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é (sic) resignificado. (PASSOS; KASTRUP; DA ESCÓSSIA, 2009, p.10-11).

Essa resignificação proposta pelo método da cartografia baseia-se em, ao invés de criar um raciocínio a ser comprovado por meio de um caminho, criar um caminho a ser percorrido e experimentado, para assim entender e dar existência científica às respostas que vamos receber como produto desse processo.

Situando esta pesquisa no território da metodologia cartográfica, lanço-me tal qual uma cartógrafa, aquela que se interessa em movimentar-se por intermédio de um processo de pesquisa, que busca por um contato com:

[...] o desmanchamento de certos mundos - a sua perda de sentido – e

---

<sup>17</sup> *Metá* (reflexão, raciocínio, verdade) + *hódos* (caminho, direção). Fonte: Dicionário Etimológico. Disponível em: <[http://prandiano.com.br/html/fr\\_dic.htm](http://prandiano.com.br/html/fr_dic.htm)>. Acesso em: set. 2014.

a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos. (ROLNIK, 2006, p. 23).

Desenhado então o enredo metodológico pelo qual esta pesquisa transita, entendo que respondo a pergunta que coloco como título deste capítulo, “Por que [a escolha de] cartografar?”, visto que tal opção se deu também por meio de um processo vivenciado pela pesquisadora que aqui vos escreve. Entendendo também que “o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar” (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 59), dessa forma, nas páginas a seguir busco mostrar por intermédio de uma narrativa contínua, de que maneira tramei e inventei os passos da pesquisa tal qual uma cartógrafa, levada pelo desejo de compartilhar a construção, as experiências e as respostas desta pesquisa cartográfica.

### 3.1 OFICINAS: EXPERIÊNCIAS NÃO ESCOLARIZANTES

Nas sociedades disciplinares, as práticas escolarizantes se situam em um território um tanto diferente ao das oficinas propostas nesta pesquisa de mestrado. Segundo Corrêa e Preve (2011), as oficinas são invenções sem efeitos escolarizantes, que possuem:

[...] abertura aos mais diversos temas de estudo, a não limitação de faixa etária aos participantes, seu constante estado de *work in progress*, a não hierarquização dos saberes nem das funções, a impossibilidade de acontecer



mantendo a organização e o tempo da aula. (p. 197)

Junto ao cenário da metodologia cartográfica somam-se aqui as oficinas como experiências inventivas e não escolarizantes, território em que este trabalho se propôs a funcionar.

Práticas escolarizantes geralmente trazem consigo perguntas já feitas e igualmente respondidas. Elas, comumente, não se interessariam pelas possibilidades de outras ou múltiplas respostas, pois essa já existiria: seria uma só e já estaria definida em sua forma correta. Além disso, e igualmente preocupante, coloca-se aqui a questão formulada por Guimarães (2005) em relação à educação ambiental, mas que claramente pode ser substituída por qualquer outro tema com pressupostos escolarizantes. Logo, “quem faz as perguntas em uma prática intitulada como educação ambiental?” (p. 43). Ou então com o ensino de geografia? Ou com o ensino de ciências?

É a partir desse ponto que a oficina se constrói como um novo território em educação, pois ela se inicia “quando se quer conhecer algo”, salienta (CORRÊA E PREVE, 2011, p. 197), sem pretensões, respostas corretas, erradas ou impossíveis. É dessa forma que esta pesquisa vibra no entorno de conhecer as possíveis imagens do espaço urbano, excluindo a possibilidade de hierarquizá-las, classificá-las ou decodificá-las.

Seguindo essa linha de raciocínio, no subitem a seguir, explorarei de que maneira uma educação que se propõe a experimentar perguntas e respostas no espaço geográfico da cidade pode vir a ser praticada e discutida.

### 3.2 COMEÇANDO PELO MEIO: PROCESSUALIDADES INVENTIVAS

Aberta pela Professora Karina Dal Pont<sup>18</sup> uma oportunidade para o acontecimento da oficina, comecei a me organizar para trabalhar com cerca de onze alunas da sétima fase do curso de Pedagogia noturno da UDESC. Em algumas conversas com Karina, falei rapidamente sobre a ideia central a trabalhar e que essa tinha o espaço urbano de Florianópolis como tema, marcando para as dezoito horas do dia dezenove de abril do ano de dois mil e treze, meu primeiro encontro com as alunas.

Em meados do ano de dois mil e doze, durante dias foquei minhas atenções na criação da oficina. Fiquei a me perguntar como faria para organizar e articular as ideias que acumulei ao longo de tempos para funcionarem a favor do seu acontecimento. Essa foi o questionamento que mais me ocupou e preocupou na direção de pensar a construção da oficina como uma estratégia em educação. Em alguns lugares que andava por vezes me deparava com algum material ou situação no dia a dia que se ligava ao tema de minha pesquisa, e logo pensava se aquilo poderia ou não ser interessante naquele momento.

Nos meses que antecederam o ‘ultimato’ que eu mesma procurava estabelecer sobre o dia, local, hora e público para realizar a oficina, ela já vinha sendo criada sem eu perceber. Um trecho de filme aqui, literaturas acolá, uma imagem disparadora, mapas, pessoas, músicas, encontros e desencontros. Multidões. Vazios. Barulho, muito barulho! Excesso de informação!

Ao longo de semanas, respirei a preparação, digamos que concreta, da oficina. Eu precisava organizá-la passo a passo, assim como quando criança, juntamente aos colegas da escola, preparávamos as homenagens de dia dos

---

<sup>18</sup> Na época, Professora substituta da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Ministrante da disciplina de “Conteúdos e Metodologias de ensino em história e geografia” para a turma de 7ª fase do curso de Pedagogia (Noturno) – Habilitação em Séries iniciais.

pais e das mães. Trago essa memória de infância a esta situação, pois bem lembro que o início da organização dessas apresentações era um caos, como este que me encontrava.

Estudei todo o ensino infantil com a mesma turma. Éramos cerca de quinze crianças onde cada uma queria fazer a homenagem de uma maneira. Uns queriam dançar uma música especial, outros achavam melhor cantá-la, havia os que defendiam o teatro como a melhor forma de executar a homenagem e também existia o grupo dos que preferiam confeccionar cartões aos pais, que eram os mais tímidos. Eu adorava cantar e dançar! Mas simpatizava com a ideia dos cartões e defendia a proposta do teatro como forma de apoio às minhas melhores amigas. Indecisa! Sempre!

A situação me remetia a essa memória, pois era como se cada livro, música, trecho de filme ou fotografia falasse a mim como uma criança querendo puxar minha atenção para o seu material na preparação da homenagem aos pais. Sentia-me perdida e indecisa meio a tantas possibilidades de como fazer para que minha oficina acontecesse e essa era a parte mais difícil para mim, visto que eu possuía muitos materiais e boas referências.

No chão da sala de minha casa, foi onde a oficina passou a tomar forma física, pois começo a agregar ao campo das ideias um roteiro de preparação e execução para a mesma. Debruçada por horas sobre os livros *Antropologia da face gloriosa*<sup>19</sup> e *O esplendor dos contrários: aventuras da cor caminhando sobre as águas do Rio Amazonas*<sup>20</sup>, ambos de Arthur Omar, eu folheava-os em busca de alguma resposta, uma frase, uma palavra,

---

<sup>19</sup> OMAR, Arthur. *Antropologia da face gloriosa*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1997.

<sup>20</sup> OMAR, Arthur. *O esplendor dos contrários: aventuras da cor caminhando sobre as águas do Rio Amazonas*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 208p. 190 ilust.

uma imagem que me trouxesse alguma ideia. Esses livros ficavam em meu apartamento sobre uma pequena mesa em frente à televisão. Encontravam-se sempre ali, abertos, com suas maravilhosas fotografias à mostra, decorando meu apartamento. Muitas vezes eu os utilizava quase que como um livro de ‘autoajuda’, pois Omar, suas imagens e palavras, sempre me trouxeram ótimas respostas em determinados momentos de minha vida. Pensava que agora não haveria de ser diferente: começar com esses livros seria uma boa escolha!

E foi mesmo! No dedilhar das páginas, paginando um pouco à frente e voltando algumas páginas, percebo que as fotografias produzidas por Omar possuem um lastro de diferença em sua captura e foco. São imagens que não buscam informar, detalhar, nem abarcar grandes pressupostos fotográficos. Tais fotografias são extraordinárias por suas cores e movimento. Por sua cotidianidade. Pela sua simplicidade. O livro *O esplendor dos contrários*, por exemplo, nos traz um Rio Amazonas muito diferente daquele retratado nos livros didáticos e nas imagens do Google, em que o rio é muito famoso e conhecido por sua bacia hidrográfica (a maior do mundo) e por ser o segundo maior rio do mundo, sempre retratado de cima por meio de fotografias aéreas<sup>21</sup>. Omar nos traz um Rio Amazonas em movimento, não só por seus canais e suas comunidades ribeirinhas, mas por sua coloração, pelas suas raízes retorcidas, pelos tons mais lindos de verde contrastando com a calmaria das águas (azuis, alaranjadas, marrons, pretas) que nas páginas seguintes são tomadas por uma velocidade extrema dos rios e pelas feições

---

<sup>21</sup> Caso se você se interesse em constatar minha afirmação, vá até o Google e digite “Rio Amazonas”. Na aba das imagens você verá que a maioria das imagens sobre o rio são tomadas de cima, nos dando a impressão de que ali existe um rio do meio de um ‘nada’.

indígenas estampadas no rosto de parte da gente que por lá vive. Sim! Lá vivem pessoas!

Das muitas imagens óbvias que retratam o Rio Amazonas por tomadas aéreas, ou até mesmo quando o famoso fenômeno da pororoca é retratado, Omar se perde meio ao rio e nos leva para viver com ele a experiência de fotografar outro Amazonas, muito mais potente, vivo e diverso, tal como impresso em suas fotografias. Aquelas, para mim, eram imagens que perfuravam o clichê, pois iam além do óbvio, do que já estava dado sobre o Rio Amazonas.

Minha admiração por Arthur Omar começou no ano de dois mil e dois, quando ele produziu para o programa dominical *Fantástico*, na Rede Globo, uma série de cinco episódios sobre a destruição das estátuas de Buda pelo Talibã, na cidade Bamyian, no Afeganistão, documentário que posteriormente resultou em sua obra *Viagem ao Afeganistão*<sup>22</sup> composta por 626 imagens produzidas nessa série. Nesse documentário, Omar trazia imagens sobre o Afeganistão em perspectivas quase que impossíveis, desconexas e que provocavam o telespectador, pelo fato de que o artista naquele documentário desconstruía de certa forma o olhar jornalístico, informativo, que com imagens buscava informar sobre a “verdade”. Lembro que no ano em que esse documentário foi exibido, eu estava no segundo ano do colegial, e nessa época pesquisei muito sobre Omar na internet, pois eu não havia entendido o propósito daquelas imagens. Hoje, um pouco mais vivida, quem sabe eu quase entendo.

Outro material que se fez muito importante na construção da oficina foi o filme *Tokyo-Ga*<sup>23</sup>, de Wim

---

<sup>22</sup> OMAR, Arthur. *Viagem ao Afeganistão*. São Paulo: Cosac&Naify, 2002, 328p., 626 ilust.

<sup>23</sup> *Tokyo-Ga*. Direção: Wim Wenders. EUA, 1985, DVD (92 minutos).

Wenders, que conheci por meio da Professora Ana Preve, pois era bastante utilizado em suas aulas da época da graduação. Lembrando-me da existência dele, retomei-o, pois um trecho em especial me ajudava a pensar a construção da oficina. Esse filme se fez importante, pelo seu texto de início, que trazia a conversa entre dois cineastas no topo da torre mais alta de Tóquio. Este trecho do filme atuava tal qual um dispositivo, um disparador na invenção da oficina:

**Wim Wenders:** No topo da torre de Tóquio encontrei um amigo meu, Werner Herzog, que estava passando uns dias no Japão, a caminho da Austrália. Nós conversamos.

**Werner Herzog:** Isso é tão simplesmente poluição visual. Olhando daqui de cima é um amontoado de construções. Quase não existem mais imagens possíveis. Teríamos que fazer uma escavação arqueológica. É preciso, é preciso vasculhar essa paisagem violada para encontrar alguma coisa. Muitas vezes, isso está associado à grandeza e não a detalhes. Hoje em dia, existem muito poucas pessoas no mundo que se arriscam a algo em prol da necessidade que temos de imagens adequadas. Precisamos urgentemente de imagens que reflitam a nossa civilização ou que correspondam ao que temos de mais íntimo. E temos de encarar essa guerra, a fim de solucionar tal necessidade. Eu lamento, que por exemplo, às vezes eu tenha de subir 8 mil metros montanha acima para

obter imagens claras, puras e verdadeiras. Aqui quase não tem isso. É preciso procurar muito. Eu viajaria para Marte ou Saturno no próximo foguete. Por exemplo, existe um programa da NASA o Skylab, uma estação espacial que vai levar biólogos e outras pessoas para testar novos procedimentos no espaço. Eu teria prazer em participar. Para mim, seria mais fácil que aqui na Terra descobrir o que constitui as imagens verdadeiras. Seria uma experiência e tanto eu gostaria de ir.

**Wim Wenders:** Não importava o quanto eu entendia a busca de Werner por imagens transparentes e puras, as imagens que eu buscava só podiam ser encontradas aqui embaixo, no caos da cidade. Apesar de tudo, eu não conseguia me impressionar com Tóquio<sup>24</sup>.

Pensando com Wim Wenders, entendia que para fazer a oficina acontecer era preciso estar meio à cidade e ao caos de imagens clichês produzidos por ela, pois era junto a esses excessos de tudo e todos que alguma imagem nova poderia ser criada.

Três literaturas foram de suma importância para a consolidação da oficina como prática, pois elas me mostravam circunstâncias e diálogos que me possibilitavam inventar algumas das situações propostas às alunas na oficina. Chego a estes livros, inspirada mais uma vez pela Professora Ana Preve, a quem devo o

---

<sup>24</sup> Trecho transcrito direto do filme Tokyo-Ga (Dir.: Wim Wenders. Alemanha, 2007, 91 min.).

conhecimento destes autores. *As cidades Invisíveis*<sup>25</sup>, *A peste*<sup>26</sup> e *Diário de viagem*<sup>27</sup> me acompanharam como leitura de cabeceira ao longo de alguns meses. Esses livros, em especial o de Italo Calvino, traziam uma linguagem bastante poética e intensa, e me levavam a pensar outras paisagens, situações e cidades. Além de me atentar para outra forma de escrita.

Durante a leitura de *A peste*, muitas frases me tocaram e fizeram com que eu revirasse meus pensamentos sobre as cidades, as pessoas e a vida urbana. Essa leitura possibilitou muitas reflexões, pois convencida por Le Clézio (2007) em *O Africano*, “a realidade estava nas lendas” (p. 16). Muitas daquelas passagens lidas ao longo desse instigador livro me ajudaram a pensar minha realidade de pesquisa como um todo. Algumas delas foram:

Uma forma conveniente de travar conhecimento com uma cidade é procurar saber como se trabalha, como se ama e como se morre. (p. 09).

Mas há cidades e países em que as pessoas, de vez em quando, suspeitam que exista algo mais. Isso, em geral, não muda a vida delas. Simplesmente houve a suspeita, o que já é alguma coisa. (p. 10).

---

<sup>25</sup> CALVINO, Italo (1990). *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras.

<sup>26</sup> CAMUS, Albert (2010). *A peste*. Trad. Valerie Rumjaneck. 2ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso.

<sup>27</sup> CAMUS, Albert (2004). *Diário de viagem*. Trad. Valerie Rumjaneck. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record.



Em Orã, como no resto do mundo, por falta de tempo e de reflexão, somos obrigados a amar sem saber. (p. 11).

O importante é ressaltar o aspecto banal da cidade e da vida. Mas os dias passam sem dificuldades, desde que se tenha criado hábitos. (p. 11).

O livro *Diário de Viagem*, escrito por Albert Camus, me trouxe a ideia de produzir um diário de campo para a pesquisa, como forma de ter um espaço para expressar meus pensamentos sobre a oficina, planejamentos, desenhos, ideias, angústias e alegrias. Com um simples caderno de capa dura verde pude iniciar meus rabiscos e desenhos que muito ajudaram a desenhar a processualidade da oficina.

Perdida meio a bagunça de protetores auriculares, pedaços de tecido feltro da cor preta, agulha e linha de costurar verde, régua, tesoura, papel pardo, tubos de cola, cartolina, canetas hidrocor, lápis, giz de cera e algumas imagens sobre a cidade pus-me a inventar, melhor dizendo, a tramar aquilo que seria a materialidade da oficina. E aos poucos ela foi se fazendo.

Após tardes de muitos rabiscos, alinhavadas, recortes, dedos furados, colagens, costuras e agulhas perdidas meio ao tapete, crio um arsenal de materiais para trabalhar junto a mim nesta batalha: cartões coloridos com frases de *As cidades invisíveis* de Italo Calvino, vendas para olhos, protetores auriculares, um painel feito de papel pardo e uma caixa de sapato contendo giz de cera, lápis de cor, cola, régua, tesoura e canetas hidrocor. Aqui posso dizer que estava com as ferramentas prontas, pois toda oficina requer o seu conjunto, a sua caixa de ferramentas que são operatórias dos conceitos e ou temas que se quer aprofundar.

Com a caixa de ferramentas pronta e um tema a explorar, uma pergunta insistia em minha cabeça: “no que então uma oficina se difere de uma aula escolar?”. Penso que seja em seu caráter libertário, sem pretensão de reagir à escolarização. Ou quem sabe por ser um território onde

[...] ‘tudo pode acontecer’ que potencia romper as regras do jogo da produção de conhecimento, ou seja, olhar por onde não se viu, trazer à luz pontos de vista considerados insignificantes, indesejáveis, tortos, pequenos, mesquinhos, perguntar aquilo para o qual não se tem resposta nem provisória, especular como as coisas chegam a ser como são e por quê. (PEY, 2000, p. 72).

Operando as oficinas como experiências pedagógicas, é importante ressaltar, que certamente elas pertencem ao território da educação, pois são estratégias que possibilitam “abrir espaço para o desconhecido, reduzir o investimento na segurança do mesmo, não cultivar esperanças que fazem esperar e que consolam”. (CORRÊA e PREVE, 2011, p. 197). Na formação de professores, por exemplo,

[...] o processo desencadeado pelo estudo de um tema de interesse do oficineiro, que cria condições para um conhecer com vontade abre possibilidades para o trabalho do educador como professor em escolas. Não se pode esperar de um professor que jamais tenha experimentado situações de estudo movidas por uma vontade viva de conhecer, que possa promover essa

vontade junto aos seus educandos em qualquer situação educacional. (CORRÊA e PREVE, 2011, p. 199).

Com os materiais prontos, sigo a criar a oficina com o intuito de fazer tais objetos funcionarem de modo a auxiliar toda a sua questão procedimental, ou seja, de que forma estes materiais atuariam meio as pessoas. A ideia era propor a produção de imagens da cidade por meio de fotografias.

Neste momento eu me interessava por outras imagens da cidade. Diferentes daquelas que já são produzidas pelas revistas, jornais, livros didáticos, propagandas de televisão, cartões postais, etc. Essas outras imagens colocam-se neste trabalho como *um ver a mais* na cidade, pois são imagens que possuem:

[...] toda uma potência para despertar a atenção para os elementos invisíveis do lugar, uma potência para *um ver mais* [...] horizontes novos, margens, cantos, rastros, luzes, sombras, vidas estranhas... (GUIMARÃES E PREVE, 2012, p. 09).

A intenção era ferir, amassar, deformar o clichê da imagem da cidade. Melhor dizendo, a ideia baseada nos escritos de Gilles Deleuze, era construir outras imagens de Florianópolis a partir das imagens clichês que já tínhamos circulando entre nós, pois “uma imagem pode potencializar um pensamento outro sobre o ambiente e, ao mesmo tempo, reforçar um clichê” (GUIMARÃES E PREVE, 2012, p.01-02).

Os cartões feitos por mim com frases do livro *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, eram para ser colados com fita adesiva nas carteiras da sala de aula em que faria

a oficina. A intenção era criar um ambiente curioso entre as alunas ou até mesmo que na leitura daquelas frases surgissem dúvidas, suposições sobre o que aconteceria dali em diante. Eram frases aleatórias que falavam sobre cidades e suas características, tanto no campo das sensações quanto no das percepções. As palavras com que Calvino contava suas cidades invisíveis estavam para além de uma mera descrição objetiva e apresentavam um tom extremamente poético. Naqueles cartõezinhos coloridos eu buscava um ambiente para o acontecimento da oficina, quem sabe até mesmo um território imaginário, uma atmosfera coletiva, para que juntas pudéssemos aprofundar nossos interesses e conhecê-los melhor.

A parte procedimental da oficina foi tramada da seguinte maneira: pediria para que as alunas trouxessem fotografias produzidas por elas mesmas sobre a cidade de Florianópolis. Com essas fotografias em mãos, eu faria algumas perguntas na tentativa de gerar uma conversa sobre aquelas imagens: “qual o motivo da escolha desta(s) imagem(s) e não outra(s)?”, “se você pudesse agregar a estas fotografias outras, a sua escolha, qual(is) seria(m)?”. Durante a conversa sobre as imagens, eu sugeriria a construção e nomeação de um painel com essas fotografias, até mesmo para trazer um clima mais informal e solto às falas.

Com o painel feito e a conversa acontecendo eu tentaria inserir questionamentos e propor ideias, utilizando Calvino e suas frases que foram fixadas às carteiras, como, por exemplo, sobre os fortes símbolos e imagens existentes na cidade e de que maneiras eles podem vir a nos paralisar, reproduzindo determinados discursos e clichês. Claro que tudo isso, buscando fazer relações com as fotografias escolhidas por elas.

Feita essa parte, eu proporia uma experimentação às alunas, ali mesmo no local que a oficina estaria acontecendo. A ideia seria deslocar-se em duplas pelo espaço que nos encontrávamos com os olhos vendados e

ouvidos vedados por protetores auriculares. Que outras sensações e percepções além das que já estávamos habituadas, aquele local poderia vir a ativar em nós? Que outras Geografias poderiam surgir se ativássemos outro modo de percorrer aquele espaço? Aqui começaríamos a nos movimentar, literalmente, em direção a uma das propostas da oficina: experimentar o espaço já conhecido de outras formas e produzir outras imagens para aquilo que até então nos era tão delimitado, conhecido e percorrido.

Com a experimentação realizada, voltaríamos à sala de aula e eu as perguntaria como foi se deslocar por aquele lugar de outra forma? Aquele espaço sempre fora experimentado da mesma forma? Quais sensações se passaram naquele momento? O que de diferente aconteceu que no dia a dia nunca foi percebido? Há algo neste espaço que jamais fora visto ou sentido antes? Ao fim do primeiro encontro dessa oficina, eu pediria às alunas que expressassem da forma que preferissem essa experimentação. A escolha seria livre: desenho, poema, mapa, música, texto, palavras, cartas. Movimentação de pensamento. Criação. Inventividade. Respostas! Eu queria saber o que se passaria durante aquela experimentação, mesmo sabendo que não encontraria isso limpidamente nos registros, pois tais experiências jamais estarão expressas na linguagem em toda a sua totalidade e potência de vivência.

Com a experiência conseguimos dar conta daquilo que a vivemos, fazemos e sentimos, e conseguimos narrar e transmitir isso por meio da linguagem. Porém quando produzimos novamente isso, já elaboramos de outro modo. A experiência nunca estará expressa na linguagem em toda a sua potência, assim, a linguagem não é uma *expressão* do que se passou. A linguagem *produz* aquilo que se passou, ela *constitui* e *institui* aquilo que se passa. É a linguagem que utilizamos para dar conta e conseguir falar daquilo que queremos. Ela ancora e tem um papel ativo e constitutivo.

O segundo momento da oficina, aconteceria em outro dia e seria marcado no centro de Florianópolis, em

algum ponto de comum acordo a ser escolhido junto ao grupo disposto a participar da oficina. Nesse dia a proposta seria “perder-se na cidade”. Entende-se aqui o movimento de *perder-se* no espaço urbano, como uma:

[...] dimensão do movimento que a oficina precisa atingir para produzir passagens do que não costuma passar: modos de ver, de viver, de escrever, de driblar uma situação, de produzir mapas com fundamento em uma cartografia não usual, de uma educação não ancorada nos sistemas de transmissão de informação [...] perder-se é, neste caso, uma questão de encontros. (PREVE, 2013a, p. 258).

Não estabeleci nenhum trajeto pré-demarcado tal qual uma trilha, onde todas as informações estão prontas para serem concebidas. Queria evitar:

[...] percorrer trilhas definidas anteriormente por especialistas, quer dizer, prestar atenção ao que um dia foi assinalado por alguém como importante para explicar um fato, um animal, uma planta, uma particularidade de um ecossistema, uma história, uma rocha, um processo geográfico, biológico, ecológico qualquer. (GUIMARÃES e PREVE, 2012, p. 04).

Portanto, queria distanciar a oficina daquilo que Marco Pólo colocava a Kublai Khan, em *As cidades invisíveis*, de Calvino, ao falar sobre a cidade de Tamara,

[...] penetra-se por ruas cheias de placas que pendem das paredes. Os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas: o torquês indica a casa do tira-dentes; o jarro, a taberna; as alabardas, o corpo de guarda... (CALVINO, 1990, p. 17).

O grupo percorreria a cidade ao mesmo tempo junto e separado, a caminhada coletiva nos levaria juntas a construir um trajeto singular da cidade. Caminharíamos juntas, mas cada qual com sua câmera imersa em seu urbano subjetivo. A proposta era que juntas passássemos pelos mesmos lugares, levadas pelo anseio do grupo, que em coletivo conduziria para aquilo que chamasse a atenção. A direção do caminhar seria dada pelo que nos gritasse ao visual, a audição, ao olfato. Será que no universo do mesmo, há também o multi, o pluri, o particular, o diverso, o subjetivo?

Esse seria o momento da oficina em que as imagens da cidade seriam produzidas pelas meninas com as câmeras fotográficas, pois:

[...] é o aprender como experiência de estar no mundo, exposto as intempéries, atento ao que acontece no presente dos encontros, que motiva o oficineiro. O perder-se é então o movimento necessário para produzir passagens e que se aprende nos caminhos desconhecidos do fazer alguma coisa que não se sabe aonde vai

dar, mas que é preciso fazer.  
(PREVE, 2013a, p. 258).

A liberdade do olhar e do corpo que percorre a cidade nesse momento é importante para que se dê espaço à inventividade, aos anseios, as angústias e aos gritos existentes em nossos pensamentos e imaginações. Também é importante ressaltar que esse momento necessita de “uma atenção que punha o corpo todo em movimento no percurso, capaz de produzir algo novo no que estava acontecendo”. (GUIMARÃES e PREVE, 2012, p. 05).

Toda a produção imagética resultante da oficina seria utilizada para a confecção de um *fotomapa* organizado por mim e apresentado nesta dissertação de mestrado como uma coleção de imagens resultantes dessa experimentação da cidade.

O *fotomapa* é composto por uma reunião de imagens urbanas que são produzidas por sua raridade, horror, beleza, tédio, alegria, cor. São imagens oriundas da percepção de pessoas que percorrem a cidade em um grupo disperso entre si e que dela fazem o espaço ser múltiplo. O *fotomapa* é uma expressão imagética de olhares, sensações, perturbações, inconstâncias, dúvidas, poéticas, vontades e horrores que a cidade nos provoca.

Segundo Deleuze e Guattari (1994) os mapas podem ser pensados para além de sua representação cartesiana. Por meio de diferentes métodos, eles podem ser produzidos de maneira estética, incorporando valores históricos, geográficos, culturais e políticos ao reconfigurarem o espaço, pois:

[...] o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza,



ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (p. 22).

A criação do *fotomapa* nasceu da intenção de instigar a produção de imagens um tanto diferentes das que já vinham sendo propostas nos livros didáticos de Geografia, bem como as que buscam representar alguma parte do espaço geográfico tal qual um mapa. Acrescentando à palavra e à noção de *mapa* proposta por Deleuze e Guatarri, o radical grego *foto*, busco articular e conectar, tanto no plano material quanto teórico, as imagens produzidas na oficina, chamando-as de *fotomapa*.

### 3.3 O ENCONTRAR E O APRENDER COM O DESCONHECIDO

Com a oficina arquitetada e já realizada uma vez com as alunas do curso de Pedagogia, a ideia inicial era realizá-la outras vezes com ingressos e egressos do curso de Geografia da UDESC, além de alunos da Escola de Educação Básica Simão José Hess, onde acontece o projeto PIBID Geografia, coordenado pelas professoras Ana Maria Preve e Rosa Elisabete Miltz Wypczynski Martins.

Com esses possíveis locais para realização da oficina, fui questionada por meu orientador se não seria também interessante fazer a oficina acontecer em outros espaços da cidade. Quem sabe em espaços não escolarizados? Quem sabe fazer a oficina percorrer a cidade, visto que ela era o tema de minha dissertação. Decidi que essa era uma boa alternativa à pesquisa e decidi acatar.

O primeiro movimento de trabalho com as oficinas foi com as alunas do curso de Pedagogia, como já relatado anteriormente. A oficina naquele momento levou-as a

produzir imagens sobre Florianópolis, inclusive levando essas meninas a *perderem-se* na cidade. O primeiro resultado que obtive foi um conjunto de imagens que realmente escapavam das imagens clichês de Florianópolis, e que resultaram em um *fotomapa*.

No momento em que qualifiquei minha dissertação, eu possuía um *fotomapa* produzido pelas alunas do curso de Pedagogia, e que de certo modo dão conta de responder a pergunta que me fiz nesta pesquisa. Portanto, é possível sim, por meio da oficina, produzir esse efeito de diferença com imagens.

Com o trabalho qualificado, a banca examinadora<sup>28</sup> me coloca algumas perguntas que ficariam a ser trabalhadas nos meses pós-qualificação: O que fazer com essas imagens? Como seguir com outro movimento de oficina em que essas imagens permaneçam potentes na continuidade de minha pesquisa?

No esforço de dar conta dessas perguntas, foram pensadas várias coisas em conversas e questionamentos juntamente a meu orientador e a Davi, meu colega de mestrado que muito me ajudou a pensar a oficina com aquilo que eu já tinha, o *fotomapa*. Assim, coloquei-me a rearranjar a oficina para dar conta de responder tais perguntas.

No ano de dois mil e treze, após o exame de qualificação, participei do *III Colóquio Internacional 'A educação pelas imagens e suas geografias'*, realizado em Vitória, capital do Espírito Santo. O professor Leandro sugeriu que eu levasse as imagens que compunham o *fotomapa* no formato de cartões postais<sup>29</sup>, para que eu entregasse às pessoas que passassem pela exposição de

---

<sup>28</sup> Composta pelas Professoras Doutoras Gisele Girardi (UFES) e Lúcia Schneider Hardt (UFSC).

<sup>29</sup> Esses postais já estavam endereçados a mim, para que quando as pessoas ficassem com ele para produzir a escrita, já soubessem o endereço correto de envio, minha residência.

meu trabalho, pedindo para que elas reenviassem essas imagens a mim, escrevendo no corpo do cartão postal aquilo que se passou quando aquelas imagens chegaram às mãos delas. Produzi cem postais ao todo, e oitenta e cinco deles foram oferecidos a quem passava pelo *banner* que eu estava expondo. Pessoas de vários estados brasileiros, inclusive, de outros países como Uruguai, Argentina e Espanha, ficaram com mais de um postal. Algumas dessas pessoas achavam essas imagens muito bonitas e poéticas. Elogiavam a captura, me perguntavam sobre a origem, e muitas até quiseram ouvir um pouco mais sobre minha proposta de pesquisa. Entretanto, esperei por até um ano e não recebi resposta de nenhum dos postais.

Contudo, esse movimento com as imagens em forma de postal, com o qual não obtive retorno, me trazia sim uma resposta. Eles me reafirmavam que a questão posta pela banca de qualificação continuava em aberto.

Posta a problemática ainda não resolvida, decido voltar com essas imagens para a rua. Não em forma de postais, mas sim com as imagens tal qual foram produzidas pelas alunas de Pedagogia.

Contudo, algumas pequenas modificações se faziam na oficina. Se antes eu tinha um público e o levei para a rua, ao centro da cidade, para produzir as fotografias, agora, eu propunha um movimento inverso: ir para as ruas da cidade para encontrar um público que produzirá suas imagens da cidade. Resumindo, de início, na primeira oficina, eu tinha um público (alunas da pedagogia) em que na oficina fomos para a cidade produzir as imagens. No segundo momento da pesquisa, pós-qualificação, eu possuía as imagens, e então fui para a cidade, para com elas, procurar um público ainda não definido. Aqui apresento movimentos quase que contrários, pois se na primeira oficina tínhamos o clichê e conseguimos fugir, em certa medida, dele; na segunda oficina propomos uma leitura dessas imagens a pessoas desconhecidas, anônimas, a serem encontradas nas próprias ruas da cidade. Que

imagens seriam produzidas nesse segundo momento? O que essas pessoas fariam sobre as imagens produzidas na primeira oficina?

Após o movimento de fazer a oficina percorrer a cidade de Florianópolis para encontrar pessoas, participei de uma oficina<sup>30</sup>, intitulada “*Aprendizagens: o estar junto e o fazer com o outro*”, onde os oficinairos se aprofundavam nas questões sobre o aprender com o outro. O encontro com a ideia de aprender com o outro veio a reforçar a decisão de ir ao encontro de pessoas na cidade para com elas aprender, como a cidade pode ser vista, sentida, percorrida e entendida através de imagens.

Assim, com a oficina repensada, a sugestão era convidar pessoas desconhecidas a participar da oficina e com elas aprender sobre a cidade de Florianópolis. Chamo esse procedimento de *Oficina de encontros*, e neste momento passo a encontrar com pessoas desconhecidas. Elas também se encontram comigo, uma completa desconhecida para elas! Integrar com o outro, com o desconhecido, com o estranho...

O encontro com esses anônimos acontecia da seguinte maneira: eu ia com minha caixa de ferramentas, meu amigo Davi paramentado com uma câmera fotográfica, e meu diário de campo a locais escolhidos previamente por mim. Esses locais da cidade foram escolhidos devido ao seu ambiente propício para uma conversa, bancos, mesas, a presença de pessoas com tempo livre, e ao fato de serem locais onde sempre há muita gente: pistas de skate, quadras de futebol, praças, parques e academias ao ar livre na Avenida Beira Mar Norte.

---

<sup>30</sup> Ministrada pelo Professor Dr. Guilherme Carlos Corrêa e pela Professora Dr.<sup>a</sup> Margareth Chilemi como atividade integrante do III Colóquio Ibero-Americano e IV Catarinense de Educomunicação 2014, realizado pela UDESC/FAED em Florianópolis.

A *oficina de encontros* era tramada de uma forma muito simples: eu os perguntava se estavam interessados em participar de uma oficina sobre a cidade e *voilà!* Ali mesmo começávamos nossa conversa que consistia em algumas perguntas e ações: mostrar ao desconhecido as fotografias produzidas na oficina anterior, dizer a ele que são imagens de Florianópolis, outras imagens dessa cidade. “Mas são mesmo?”, eu os questionava. Seguindo, perguntava: “Qual destas imagens você mais gosta? Por quê?” “Como você contaria sobre esta cidade através da fotografia/imagem escolhida?”. Finalizando a oficina, pergunto: “Se fosse para você construir uma imagem sobre Florianópolis a partir de sua percepção, como seria?”. Munidos de um bloco de folhas de papel A3, fotografias de Florianópolis e minha caixa de ferramentas contendo lápis coloridos, canetas hidrocor, giz de cera, tesoura e cola, os desconhecidos construiriam novas imagens, me ensinando como elas nos educam a ver o espaço urbano.

Fica claro que os momentos tramados e experimentados pelas oficinas percorrem o mesmo problema: a questão de como pensar as imagens da cidade. Em certo momento, reorganizo os percursos da oficina, contudo a pergunta posta continua a mesma: como é possível produzir outras imagens de Florianópolis, ainda que, um carregamento de clichês se debata sobre ela? O que muda ao longo das oficinas é a audiência dessas. Foi uma aposta a qual a pesquisadora acreditou. Assim, podemos observar ao longo da pesquisa um modo de operar as imagens da cidade, ressaltando mais uma vez que tal caminhada se fez com a mesma pergunta, inclusive, com a mesma caixa de ferramentas.

Dessa forma se teceu a parte processual e metodológica desta pesquisa de mestrado. Inspirada por Mia Couto<sup>31</sup> procurei destruir as paredes levantadas por

---

<sup>31</sup> O escritor Moçambicano esteve em Florianópolis em Agosto do ano de dois mil e catorze, abrindo o ciclo de palestras

este processo de pesquisa e por mim mesma, pois tais fronteiras nos aprisionam e nos cegam para o nosso pensamento e dos outros, que são formas de existência. Para uma pequena aldeia Moçambicana, o pensamento é algo que necessita ser visitado, assim como é preciso deixar que o pensamento nos visite. Por alguns anos de visitas, tentei construir uma cartografia do pensamento: do meu e do outro. Do desconhecido e do conhecido. E assim nos lançamos juntos, apostando nesta viagem, quase que sem conseguir distinguir a pesquisadora, da pesquisa e do objeto pesquisado.

---

‘Fronteiras do Pensamento’, com uma conferência a qual tive o prazer de assistir. Mia Couto falou sobre as barreiras que limitam as pessoas e seus pensamentos, fronteiras culturais e ideológicas que nos impedem de encarar a realidade e a viver com o possível. O escritor nos trazia uma reflexão que abrangia e explorava o mundo do imaginário.

#### 4 IMAGEM E CLICHÊ: ALÉM MAR

*Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles.*

*[Italo Calvino - As cidades invisíveis]*

Vivemos um tempo na história que com facilidade produzimos e temos acesso a imagens. Imagens essas que, por sua vez, se utilizam da tecnologia e dos meios de comunicação para serem difundidas entre as pessoas. Celulares, *tablets* e *notebooks* com câmeras adaptadas, aparelhos dos mais refinados aos mais portáteis e simples: o acesso ao frenético ritmo de produção de imagens se dá em larga escala via tecnologias.

Segundo Gilles Deleuze (2007), quando travamos contato e nos relacionamos com imagens:

[...] como diz Bérqson, nós não percebemos a coisa ou a imagem inteira, percebemos sempre menos, percebemos apenas o que estamos interessados em perceber, ou melhor, o que temos interesse em perceber, devido a nossos interesses econômicos, nossas crenças ideológicas, nossas exigências psicológicas. Portanto, comumente, percebemos apenas clichês. (DELEUZE, 2007, p. 31).

Pensando sobre a difusão de imagens da cidade e levando em conta a maioria das produções imagéticas que circulam na televisão, internet, cinema e nas escolas, podemos nos amparar no pensamento de Deleuze, fazer

uma ligação de como tais imagens se colocam para nós, tal qual um clichê, sendo “retomadas por autores que delas se servem como fórmulas”. (DELEUZE, 2007, p. 33).

Observando as imagens veiculadas pelo site da SANTUR<sup>32</sup> que visam difundir o turismo no estado de Santa Catarina, percebo que esse reúne imagens da cidade de Florianópolis que se observarmos com mais calma, claramente nos saltará aos olhos a forte marca de clichês. A água do mar em tons de azul turquesa, os morros cobertos por vegetação robusta e verde, as casas brancas e quadradas que quase se perdem meio à vastidão desse cenário “natural” que as engole, compõem uma limpa e confortável imagem contemplativa aos nossos olhos, como podemos observar, por exemplo, na Figura 1. A areia da praia que varia da cor branca à bege, o quebrar das ondas que muito se parece com um tecido branco e delicado que se espalha sobre as águas azul turquesa, e claro, as rochas! Essas jamais poderiam faltar na composição de um cenário “natural” de tamanha exuberância e excelência. A praia perfeita na cidade perfeita! Essa imagem me remete a uma passagem do livro *Diário de viagem* de Albert Camus, onde este escreve que:

[...] olho os desenhos que a espuma e a esteira do navio fazem na superfície das águas, essa renda, feita e desfeita, esse mármore líquido...e mais uma vez busco a comparação exata que fixará um pouco para mim essa maravilhosa eclosão de mar, de água e de luz, que me escapa há tanto tempo. Ainda em vão. Para mim, é um

---

<sup>32</sup> SANTUR – Santa Catarina Turismo S/A. Site fomentado pelo Governo do Estado de Santa Catarina para promover o turismo no estado.



símbolo que continua. (CAMUS, 2004, p. 24).



Figura 1 – Praia do Santinho, Florianópolis

Fonte: SANTUR (2013)

Nas palavras da SANTUR, em Florianópolis:

[...] contam-se uma centena de praias, montanhas, áreas de preservação permanente, Mata Atlântica, dunas e duas grandes lagoas: a do Peri, o maior reservatório de água doce da ilha, e a da Conceição. Florianópolis tem o segundo melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre as capitais do país. Os prédios, shoppings, restaurantes e grandes espaços da Avenida Beira-Mar Norte são característicos de cidades modernas, cosmopolitas. No entanto, o município conserva, em

seu Centro Histórico, costumes, tradições e arquitetura da época da colonização – e a tranquilidade de outros tempos, em locais como Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha, típicas vilas açorianas. A ponte pênsil Hercílio Luz, que liga a ilha ao continente, é o principal cartão-postal da cidade. Fortalezas históricas restauradas lembram as lutas entre portugueses e espanhóis pela posse do território. (SANTUR, 2012).

Nas imagens difundidas pela mídia que estão associadas à cidade de Florianópolis, podemos contar com cartões postais que retratam o cosmopolitismo, a “natureza” e a “tradição” presente nessa cidade. Uma orla de prédios à beira do mar, trânsito organizado e tranquilo, vias bem pavimentadas, locais para exercícios ao ar livre e uma paisagem “natural” que se mostra quase que como uma pintura às janelas de quem ali possa viver: um céu que num misto de continuidade e coloração se une ao mar. Florianópolis: a Ilha da Magia.

Ainda se tratando de imagens representativas e pensadas para difundir um pontual discurso de ‘cidade paraíso’, podemos dizer que sim, há muitas de tais características na cidade de Florianópolis, ou que segundo Camus (2004, p. 25):

[...] esta sociedade em miniatura é ao mesmo tempo apaixonante e monótona. Todos se pretendem elegantes e requintados. É o lado cachorrinho amestrado. Mas alguns se abrem.

Claramente as imagens escolhidas para compor esta pesquisa possuem demasiada “magia” em seus

componentes. Entretanto, essa excessiva “magia” se reproduz e se multiplica em incontáveis cartões postais, camisetas, chaveiros, panfletos turísticos, livros didáticos, revistas, sites, jornais, *outdoors* etc. São justamente essas as imagens mais comuns que circulam pela mídia e entre as pessoas. Desse modo, é possível perceber a insistência em reforçar por meio de clichês o ideário de imagem da cidade na capital catarinense.

Tal evidência se aproxima daquilo que é ressaltado por Gisele Girardi (2012) em relação a “imagem primeira de um mapa que nos vem à mente” (p. 41) que na maioria dominante das vezes é aquela que prioriza e valoriza o estado, logo, “significa que uma política de imaginação espacial está a agir em nós”. (2012, p. 41). A mesma coisa acontece com as imagens clichês da cidade, pois nelas há a imposição de um imaginário espacial sendo reforçado, fixado e garantido como discurso da realidade.



Figura 2 – Vista panorâmica da Beira Mar Norte

Fonte: SANTUR (2013)

Gilles Deleuze escreve sobre o clichê em seu livro *A imagem-tempo – Cinema II*, no qual partindo de Bergson, o filósofo nos afirma que “um clichê é uma imagem sensório-motora da coisa”. (DELEUZE, 2007, p. 31). A

imagem sensório-motora é aquela que fazemos uso a fim de reagir à determinada ação: rir, chorar, aprovar, negar, suportar. Portanto, nos utilizamos em um primeiro momento de imagens clichês, ou sensório-motoras, para que rapidamente possamos responder às demandas do cotidiano acelerado em que vivemos. Assim, na maioria dominante das vezes, o que percebemos ao que nos rodeia na cidade são clichês.

A crítica de Deleuze em relação aos clichês, ou à civilização do clichê, é que esse é um ponto onde “todos os poderes tem interesse em nos encobrir as imagens” (DELEUZE, 2007, p. 32), pois elas condicionam a nossa percepção. O clichê se configura na sociedade como palavra de ordem nas relações com as pessoas, direcionando o pensamento sempre a uma imagem sensório-motora que quer se consolidar como uma fórmula, um parâmetro, um molde.

Esta pesquisa girou ao redor do clichê na cidade. Ela quis explorar o clichê. Eu diria mais, ela vibrou e se movimentou com os clichês da cidade das múltiplas formas que os sujeitos convidados a esta pesquisa possibilitaram.

Dessa forma, como podemos nos colocar em contato e a produzir imagens perfuradas em seu aspecto clichê? A imagem clichê que é perfurada e deformada de alguma forma é:

[...] uma imagem ótico-sonora pura, a imagem inteira e sem metáfora, que faz surgir a coisa em si mesma, literalmente, em seu excesso de horror ou de beleza, em seu caráter radical ou injustificável? [...] Como arrancar dos clichês uma verdadeira imagem? (DELEUZE, 2007, p. 31-32).

Faz-se necessário pensar também sobre a subtração e o esgotamento do clichê na cidade. Tal processo demanda outro olhar, diferenciado em si próprio e bastante demorado. Trata-se de um movimento do corpo diferente daquele que opera a imagem clichê ou sensório-motora. Não se fala aqui de um olhar turístico, técnico, nem cartesiano, mas sim de um olhar prolongado, calmo e esvaziado, que possibilite a passagem de sensações. É preciso entrar em relação com outras forças para perturbar o mundo dos clichês, como nos diz Deleuze. Trata-se de uma lenta quebra detonadora do pensamento que já vem sendo produzido pela cidade e que nos faz repetir sem perceber o quanto somos fiéis reprodutores de clichês.

Assim, propõe-se *um ver a mais* na cidade, para com o clichê já existente nela “dividir ou esvaziar para encontrar o inteiro”. (DELEUZE, 2007, p. 32). *Um ver a mais* na cidade possui “toda uma potência para despertar a atenção para os elementos invisíveis do lugar [...] horizontes novos, margens, cantos, rastros, luzes, sombras, vidas estranhas...”. (GUIMARÃES E PREVE, 2012, p. 09).

Essa movimentação não se limita por perturbar, amassar e estremecer o clichê: não se quer aqui somente quebrar os esquemas sensórios motores, há de se tentar ir para além disso. Segundo Deleuze, é importante que esta “nova imagem deva rivalizar com o clichê em seu próprio terreno, somar algo ao cartão-postal, juntar-lhe alguma coisa, parodiá-lo, para melhor se livrar dele”. (DELEUZE, 2007, p. 33).

Cabe-nos então uma pergunta bastante pertinente: como nos esgotamos dos clichês que compõem a cidade?

#### 4.1 AMPUTAR E SUBTRAIR: *UM VER A MAIS* NA CIDADE

*Mas há cidades e países em que as  
pessoas, de vez em quando,  
suspeitam que exista algo mais.*

*[Albert Camus – A peste]*

A perturbação do clichê na cidade direciona-se à criação de possibilidades para *um ver a mais* nela. Assim, faz-se aqui o uso de noções acerca desse tema baseando-se em Gilles Deleuze (2010) em seu livro “*Sobre o teatro – um manifesto a menos – O esgotado*”. Tal abordagem se dá por meio de um paralelo interpretativo entre as questões da cidade vivida, experimentada e sentida pelos corpos que nela percorrem com as questões teatrais abordadas pelo referido autor.

Explorando o livro, Deleuze nos afirma que “por operação deve se entender o movimento da subtração, da amputação, mas já recoberto por outro movimento, que faz nascer e proliferar algo de inesperado, como uma prótese [...]”. (DELEUZE, 2010, p. 29). Portanto, na tentativa de ferir os clichês da cidade, amputá-los e subtrai-los, outro movimento acontece: a possibilidade de criação de outros signos para a cidade, leituras subjetivas nas quais a cidade se configura como espaço do possível: múltiplo e plural, como nos salienta Doreen Massey (2008). Assim o esforço se dá para *um ver a mais*: sobre, por, via, entre e com o clichê.

Ainda sobre as questões do esgotamento, Deleuze fala que para que isso se dê é necessário “subtrair, amputar ou neutralizar as formas de Poder que são os elementos que fazem ou representam um sistema de Poder”. (DELEUZE, 2010, p. 32). No caso da cidade de Florianópolis, os principais elementos de poder que a comunicam como a Ilha da Magia, por exemplo, são justamente as imagens de elementos e belezas naturais, o índice de qualidade de vida, a cultura portuguesa, a gastronomia, o artesanato, o folclore, as lendas, a vida noturna. O que está pronto, dado e consolidado

imageticamente na nossa percepção. Trata-se então de deformar tais elementos, na tentativa de fugir de eventuais representações.

Em “*As cidades invisíveis*”, Italo Calvino nos escreve com uma riqueza minuciosa de detalhes as cidades percorridas pelo viajante Marco Polo, e como os símbolos dessas estão organizados para que sejam percebidos e reproduzidos por nós de maneira que segundo o autor “repetem-se para fixar alguma imagem na mente” (CALVINO, 1990, p.23) buscando representar, ilustrar e narrar a cidade, produzindo imagens que consolidam clichês.

Captar imagens subjetivas da cidade por intermédio de um *sistema de subtrações* que experimente novas possibilidades e potencialidades da cidade configura-se nesta dissertação por *um ver a mais*. Ao propor *um ver a mais* na cidade, estaríamos nos aproximando também de outra forma de operar o pensamento, bastante diferente do pensamento homogeneizador de maiorias, pois:

[...] operação por operação, cirurgia contra cirurgia, pode-se conceber o inverso: como ‘minorar’ (termo empregado pelos matemáticos), como impor um tratamento menor ou de minoração, para liberar devires contra a História, vidas contra a cultura, pensamentos contra a doutrina, graças ou desgraças contra o dogma. (DELEUZE, 2010, p. 36).

Fazendo uma comparação entre a experimentação da cidade e o teatro, quando buscamos amputar os elementos de poder que compõem esta, não só modificamos sua forma como também fazemos com que ela deixe de carregar consigo, ainda que por um breve

momento, sua representação clichê. Tal *operação* possibilita o surgimento de imagens em prol de *um ver a mais* na cidade, trazendo à realidade criações de novas e outras cidades variantes de uma mesma, permitidas devido a tal *subtração*.

As imagens produzidas sobre a cidade buscam comunicar, transmitir informações, narrar fatos e propagar verdades absolutas. No entanto, nem sempre elas se comunicam com seu interlocutor. Jacques Rancière em seu texto “*Trabalho sobre a imagem*” nos chama atenção para o modo restrito com que muitas vezes as imagens nos são compartilhadas, como, por exemplo, tendo-a como intuito, a representação.

Representar é estar no lugar de outra coisa, é portanto mentir à verdade da coisa. [...] a coisa em si nunca está lá: não há nada senão a representação: as palavras transportadas pelos corpos, as imagens que nos apresentam não são aquelas que as palavras dizem, mas o que fazem com seus corpos. (RANCIÈRE, 2010, p. 91).

Pensando do território da educação e fazendo relações com a ideia de Félix Guattari e Suely Rolnik,

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga a até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num intenso movimento de desterritorialização no sentido de que seus territórios originais se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a



ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações mentais e materiais. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 186).

Na época que realizei o estágio de docência<sup>33</sup> e em minha caminhada como professora de Geografia na rede pública e privada da Grande Florianópolis, me deparei por diversas vezes com situações onde os alunos se questionavam muito sobre a cidade em que viviam, neste caso Florianópolis. Em muitas conversas em sala de aula, percebia o quanto aquelas crianças inventavam trajetos para percorrer a cidade, trajetos esses desviantes das representações dominantes sobre a Florianópolis que era veiculada pela mídia e suas tecnologias.

Muitos dos alunos sequer tinham saído do bairro onde moravam ou até mesmo ido a alguma das praias florianopolitanas tão conhecidas e difundidas. Contudo, tal fato não os limitava de falar sobre a cidade que percorriam, mostrando-me suas experiências, os acontecimentos e as visões sobre a cidade em que viviam. Quando falo em experiência, atribuo essa palavra a Jorge Larrosa que nos enfatiza que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.  
Não o que se passa, não o que

---

<sup>33</sup> O estágio de docência é uma prática obrigatória realizada pelos acadêmicos para a obtenção do grau de licenciada em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Meu estágio de docência aconteceu no ano de 2011, na Escola Estadual de Educação Básica “Simão José Hess”.

acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2002, p. 21).

Lembro com clareza de um aluno com quem convivi durante o estágio de docência, morador da comunidade da Serrinha, em Florianópolis, que nunca havia ido à praia. Com clareza e facilidade, ele me falava como se deslocava na cidade via *Google Earth*, em uma atividade que fizemos no laboratório de informática da escola, como podemos acompanhar no diálogo a seguir:

*Olha só professora... tá vendo essa caixa de água aqui? A minha casa fica duas ruas pra baixo dela, bem aqui. E o Samuel mora duas ruas pro lado da minha casa, então a casa dele fica aqui. Vem aqui Samuel, vem ver a tua casa no computador! O Matheus mora nesta aqui de trás... somos todos vizinhos, viu?, diz o aluno Vítor. (FIRMINO, 2012, p. 05).*

No dia dessa atividade, o Professor titular de minha turma de estágio, passou uma lista com alguns lugares para serem encontrados pelo programa *Google Earth*, como o mercado público de Florianópolis, a praia da Joaquina, a praia do Campeche, a ponte Hercílio Luz, a rua Tenente Silveira, dentre outros locais bastante conhecidos na cidade de Florianópolis. Contudo, o que mais me chamava atenção nessas atividades feitas em sala eram as fugas dos alunos para outros pontos não sugeridos pelo professor e a íntima relação de conhecimento que eles

mostravam ter com aquele espaço percorrido por eles próprios, mas em contraponto ao distanciamento que claramente me mostravam ter com a tal *Ilha da Magia*: verde, praiana, desenvolvida e limpa - o clichê. Na luta por fazer os alunos realizarem a atividade proposta pelo Professor, percebia que o interesse daquelas crianças se voltava ao espaço urbano eleito por elas como cidade, aquele que facilmente me era mostrado e mapeado com os dedinhos na tela dos computadores.

Somente alguns poucos deles já haviam ido a alguma praia da cidade ou até mesmo participado de eventos culturais promovidos pela mesma. O centro da cidade era quase que outra cidade dentro da que eles viviam, pois segundo os relatos dos alunos, eles só iam até a região central caso houvesse necessidade de ir a algum posto médico que oferecesse um serviço mais especializado ou comprar algo muito diferente que não podiam encontrar no bairro em que viviam. A Florianópolis vivida por eles era uma cidade, e a Florianópolis cartão postal, outra: distante e pouco conhecida. Esses meninos continuavam a me mostrar suas Geografias da cidade, sem medo de ir para um lugar que os livros didáticos não contemplavam.

Os deslocamentos feitos por esses alunos todos os dias, diziam muito sobre uma diferente maneira de construir imagens da cidade, imagens essas bastante diferentes daquelas produzidas pela Geografia dos livros didáticos e pela mídia. Em nossas aulas afloravam as percepções dos alunos para com a cidade que eles habitavam:

*Olha só professora, eu moro aqui.  
Pra eu chegar mais rápido na  
escola, eu corto caminho por esse  
mato aqui. Não desço pela  
escadaria do morro, demora mais.  
E ainda saio bem aqui ó, na Lauro  
Linhares, aí é só chegar na escola*

*pela Madre Benvenuta. Bem mais rápido, né? Chego em dez minutos’.* Roberto também me chama ao seu computador e me fala: *‘Professora, se tu quiser um dia ir lá na Serrinha é assim: sobe essa escadaria aqui, passa por essas três caixas d’água e aí tu já táis na nossa rua, táis vendo? É de boa, né? (FIRMINO, 2012, p. 33).*

As risadas e brincadeiras aconteciam a todo momento entre os alunos por conta de um senhor que morava na primeira casa da subida para a comunidade da Serrinha, que apresentava um quadro de demência mental e corria atrás dos garotos toda vez que eles passavam pela frente de sua casa. O trajeto escolhido para ser feito não era em vão, pois a parte mais legal de descer ou subir o morro era passar na frente da casa do Seu Egídio e chamá-lo para ser expulso aos gritos. Para os garotos, esse era um divertimento único: ninguém naquela rua era mais “*perturbado*” que o “*Véio*” Egídio.

Se esconder no mato da caixa d’água para ver a mulher magrela da casa azul fazer o marido limpar a casa para ela abaixo de vassouradas também era um dos acontecimentos presentes no cotidiano daqueles meninos. *“Por que ele não larga dela? Limpar a casa é muito chato!”*.

Matheus e seus colegas falavam da cidade para mim, assim como Marco Polo<sup>34</sup> contava as maravilhas do Império Mongol para o Grande Khan, imperador de toda aquela vastidão que o viajante veneziano tanto conhecia, experimentava e descrevia. A cidade que meus alunos de estágio percorriam era bastante diferente da minha, dos

---

<sup>34</sup> Faço aqui uma referência ao livro “As cidades invisíveis”, de Italo Calvino.

outros colegas, dos jornais, dos livros e da televisão. Peter Pál Pelbart nos fala que a criança:

[...] nos seus itinerários exploram constantemente um meio virtual. Tomemos o pequeno Hans, em sua curiosidade pela vizinha, pela rua, pelo entreposto de cavalos. Ele não estaria buscando aí o que já tem em casa, papai-mamãe, mas um meio, suas qualidades, suas substâncias, suas potências, seus acontecimentos. Por exemplo, a rua e suas matérias, como os paralelepípedos, o grito dos mercadores, a rua e seus acontecimentos, como os cavalos atrelados, seus acidentes, um cavalo que escorrega, cai, apanha... Eis o meio que a criança explora nos inúmeros trajetos que ela inventa, onde cada elemento pode afetá-la diretamente, desencadeando nela múltiplos devires. (PELBART, 2000, p. 45).

Conicionados a explorar a cidade somente por onde o clichê nos permite, excluímos uma série de acontecimentos, detalhes e sensações de nossos trajetos, como “as ruas de Florianópolis, os morros, o chão, os andarilhos, as escadarias, os fios, as bocas de lobo, as esquinas, as travessas, os muros, os furos, as calçadas” repetindo sempre “os caminhos viciados e viciantes que levam sempre aos mesmos lugares” (PREVE, 2013, p. 51-52) assim como Calvino nos alerta em suas *Cidades Invisíveis*:

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade

diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara [ou Florianópolis]<sup>35</sup>, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (CALVINO, 1990, p. 18).

A cidade apresenta-se tomada por clichês, e esses nos impedem de *um ver mais*. Richard Sennett, em seu livro *Carne e Pedra – O corpo e a cidade na civilização ocidental*, fala que esta barreira que impede o corpo de experimentar a cidade acontece por conta de outra experiência física – a da velocidade:

Hoje em dia, viaja-se com uma rapidez que nossos ancestrais sequer poderiam conceber. A tecnologia da locomoção – dos automóveis às grandes rodovias – permitiu que as pessoas se deslocassem para áreas além da periferia. O espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos através dele ou nos afastamos dele. (SENNETT, 2003, p. 17).

Desse modo, esta dissertação de mestrado buscou permitir e dar existência, ou até mesmo criar um território, para as Geografias e imagens que movimentam e ultrapassam o clichê da cidade. Assim, tais imagens deformam e perfuram o emaranhado de informações que já nos é óbvio, reduzido e simplificado, ampliando nossa percepção para com a cidade.

---

<sup>35</sup> Grifo nosso

## 5 TEXTUALIDADES IMAGÉTICAS

*O texto não “comenta” as imagens. As imagens não “ilustram” o texto [...]; texto e imagem, em seus entrelaçamentos, querem garantir a circulação, a troca destes significantes: o corpo, o rosto, a escrita, e neles ler o recuo dos signos.*

*[Roland Barthes – O império dos signos]*

### 5.1 CAIXA DE FERRAMENTAS

*Invento para me conhecer*

*[Manoel de Barros – Menino do mato]*



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)

## 5.2 IMAGENS-TEMPO

*Hoje eu desenho o cheiro das  
árvores*

*[Manoel de Barros – O livro das  
ignorâças]*





Fonte: Karina Rousseng Dal Pont (2013)



Fonte: Karina Rousseng Dal Pont (2013)



Fonte: Karina Rousseng Dal Pont (2013)



Fonte: Karina Rousseng Dal Pont (2013)



Fonte: Karina Rousseng Dal Pont (2013)



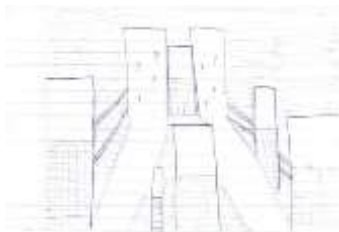
Fonte: Karina Rousseng Dal Pont (2013)



Fonte: Karina Rousseng Dal Pont (2013)



Fonte: Karina Rousseng Dal Pont (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



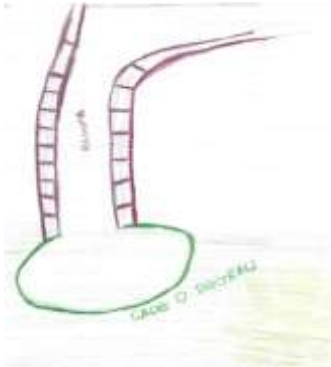
Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)



Fonte: Larissa Corrêa Firmino/Acervo da pesquisadora (2013)

### 5.3 FOTOMAPA: GEOGRAFIAS DE UM VER A MAIS

*O atlas do Grande Khan também contém os mapas de terras prometidas visitadas na imaginação, mas ainda não descobertas ou fundadas: a Nova Atlântida, Utopia, a Cidade do Sol, Oceana, Tamoé, Harmonia, New-Lanark, Icária.*

*[Italo Calvino – As cidades invisíveis]*











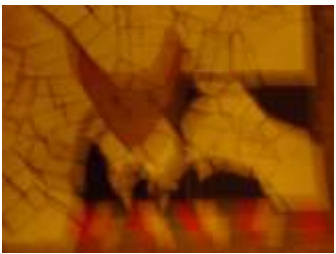
























#### 5.4 DIÁRIO DE CAMPO: PERSONIMAGENS

*A minha mente continua a conter um grande número de cidades que não vi e não verei, nomes que trazem consigo uma figura ou fragmento ou ofuscação de figura imaginada: Getúlia, Odila, Eufrásia, Margara.*

*[Italo Calvino – As cidades invisíveis]*



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)





Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)

## 5.5 IMAGENS PARA APRENDER COM O OUTRO

*Essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar: nomes de homens ilustres, virtudes, números, classificações vegetais e minerais, datas de batalhas, constelações, partes do discurso.*

*[Italo Calvino – As cidades invisíveis]*



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)



Fonte: Davi Codes (2014)

## 6 OFICINAS: EXPERIMENTAÇÕES NA CIDADE

### 6.1 CIDADE, LUGAR DO POSSÍVEL<sup>36</sup>

#### **Florianópolis, 19 de Abril de 2013**

O primeiro encontro da Oficina ‘Cidade, lugar do possível’ aconteceu em uma das salas de aula do prédio da Faculdade de Educação (FAED<sup>37</sup>), onde me reuni com onze alunas do curso de Pedagogia Noturno da UDESC.

A oficina buscava aguçar possibilidades inventivas e imaginativas para o espaço urbano por meio de fotografias. É importante ressaltar que essa proposta firma aquilo que é chamado de *Geografia menor*<sup>38</sup>. O desejo da Geografia proposta é colocar o corpo a experimentar, alargar o pensamento, causar deslocamentos, atravessar sensações e questionar verdades absolutas consolidadas. Uma geografia de resistências, que não quer nem contrapor, nem superar o que já existe, mas sim resistir “com”: inventando possibilidades para pensar o espaço.

Nos deslocamos pela cidade e desse modo vivemos meio ao caos urbano. Caos este presente em nossas vidas cidadinas devido ao cotidiano acelerado, horários estipulados e contados para desempenhar tarefas, excesso de barulho, gente, construções e obrigações. A cidade é um local de passagem e,

---

<sup>36</sup> Título inspirado no capítulo chamado “Cidade, lugar do possível” pertencente ao livro “A vertigem por um fio” de Peter Pál Pelbart.

<sup>37</sup> Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED.

<sup>38</sup> Ler mais sobre em: OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de (2009). Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. Pro-posições, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, v.20, n.3(60), p. 17 – 28, Set./Dez.



[...] transformado em um simples corredor, o espaço urbano perde qualquer atrativo para o motorista, que só deseja atravessá-lo. A condição física do corpo em deslocamento reforça a desconexão do espaço. Em alta velocidade é difícil prestar atenção na paisagem. Além disso, as ações exigidas na direção, leves toques no acelerador ou no freio, olhares de relance para o retrovisor, são atos incomparavelmente menos árduos que os necessários ao cocheiro de uma carruagem. Navegar pela geografia da sociedade moderna requer muito pouco espaço físico, e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor. (SENNETT, 2003, p. 18).

O excesso de informação que nos rodeia na cidade, nos faz reprodutores de discursos e imagens, entretanto, segundo Sílvio Gallo (2008), “o que importa não é nem vencer o caos nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas”. (p. 49).

No primeiro dia de oficina arrumei a sala e fixei às mesas pequenos cartões nas cores azul, verde, magenta e alaranjado com frases do livro *As cidades invisíveis*. Fixei os cartões em cada uma das mesas que organizei num círculo, com o intuito de que todas nós, participantes da oficina, pudéssemos olhar umas para as outras durante as atividades.

Com as integrantes da oficina em sala, me apresentei e estava muito interessada em saber um pouco mais sobre cada uma delas. De onde vinham? Do que gostavam? Quais eram seus planos para a vida?

A maioria delas havia nascido em Florianópolis, apenas com exceção de três meninas: duas vinham do sul

do estado para estudar na capital e outra participante que nasceu e morou em São Paulo por quinze anos, vindo posteriormente morar com a família na Ilha de Santa Catarina. Elas me contavam que adoravam sair para festas, dançar, ir a bares da cidade com seus amigos e viajar. Uma das alunas comentou sobre seu interesse por fotografia e filmes. A maioria delas planejava atuar como Professora de Séries Iniciais e posteriormente fazer mestrado ou especialização na área. Após uma breve conversa com o grupo, contei um pouco sobre minha pesquisa de mestrado, minha caminhada como Professora de Geografia e compartilhei que também havia sido aluna daquela Faculdade de Educação (FAED/UEDESC) ingressa no ano de dois mil e oito.

Seguindo o que tinha arquitetado em mente, narrei ao grupo uma história, assim como elas mesmas costumavam fazer com seus alunos em sala de aula, como havia me salientado uma delas. Essa história era sobre o livro *As cidades invisíveis* de Italo Calvino e sobre a origem dos cartões fixados em cada uma das mesas da sala de aula em que estávamos sentadas, que eram fragmentos do livro que eu esboçava e dividira com elas. Nessa conversa eu as contei que cada frase daquela fixada em suas carteiras era como se fosse uma pegada, uma pista que me ajudou a pensar e chegar aos questionamentos de minha pesquisa de mestrado. Eu tentava demonstrar ao grupo que todas aquelas frases me colocaram a pensar sobre a cidade em que vivia, e por meio delas fui rabiscando e produzindo um pensamento sobre a mesma.

Antes de conhecer as alunas, pedi à Professora Karina que conversasse com elas em sala para que trouxessem para o dia da oficina fotografias de Florianópolis produzidas por elas e que a partir de seus pontos de vista capturavam imagens sobre a cidade percorrida e vivida. O intuito era que o grupo trouxesse fotografias que contassem sobre Florianópolis por intermédio de fotografias. Meu interesse com esse material

era que por meio dessas imagens as alunas me mostrassem os atravessamentos que compunham em cada uma delas a cidade que habitavam.

No início da conversa com as alunas, sujeitos desse momento da pesquisa, conversamos sobre as fotografias trazidas por elas para a oficina. As imagens escolhidas retratavam uma Florianópolis bastante clichê como podemos acompanhar nas falas transcritas a seguir<sup>39</sup>. Tais imagens mostravam uma cidade comum a todas elas e muitas reconheciam os locais das fotografias umas das outras:

*“- Esse pôr do sol na beira mar tá lindo!”*

*“- Esse cantinho da lagoa é muito bom de ir no outono, né? É lindo e bate um sol muito gostoso.”*

*“- Adoro a vista do mirante do morro da cruz! Dá pra ver como o mangue é grande”.*

À medida que conversávamos sobre as fotografias trazidas, eu propunha que montássemos um painel com essas fotos no papel pardo que eu havia levado para a sala de aula. Com um painel inicial feito, pedi para que juntas nomeássemos ele, e o chamamos de *“Florianópolis em imagens: como eu a vejo”*.

Assim, parti para uma conversa com o grupo sobre aquelas fotografias que foram escolhidas para estar no nosso painel. Qual o motivo delas terem trazido aquelas fotos? Por que a escolha daquelas e não de outras imagens? Escutei atentamente a fala de cada uma que se

---

<sup>39</sup> As falas das alunas foram registradas por meio de um gravador levado por mim durante o período da oficina e estão transcritas no texto entre aspas e em fonte Times New Roman modo Itálico.

dispunha a contar sobre aquelas imagens da cidade. Muitas delas relatavam que a escolha da imagem se deu devido àquele ser o espaço percorrido por elas no dia a dia, por ser um lugar ligado às suas infâncias, o lugar onde moram com suas famílias, ou um lugar que elas nem passam diariamente, mas que acham bonito, simpático e que de alguma maneira lhes cativam.

Muito me chamou a atenção as palavras utilizadas pelas participantes, pois estavam fortemente ligadas ao fato de Florianópolis ser uma cidade que possui muitos atrativos “naturais”: praias, morros cobertos de vegetação, lagoas, dunas, manguezais. “*Esse lugar é bonito*”. “*Nossas praias são as melhores*”. “*Floripa é linda, aqui tem muito verde ainda*”, diziam as participantes enquanto olhavam as fotografias umas das outras. A questão estética da cidade “bonita por natureza” mostrou-se bastante clara na fala dos sujeitos da pesquisa. Uma delas me relatava que no momento de produção de suas fotografias, buscou focar a questão da “natureza” da cidade, por saber, por meio da Professora Karina, que eu era licenciada em Geografia, em virtude disso, segundo ela, eu era uma estudiosa do “meio natural”.

Dando continuidade ao que tinha preparado, questionei as participantes: se pudessem trazer mais fotos para compor o nosso painel, de que imagens seriam? “*A ponte! Faltou a ponte!*”<sup>40</sup>, me disse rapidamente uma delas, e a resposta foi acolhida com ênfase por todo o coletivo, que afirmou em coro com as cabeças movimentadas em sentido positivo e incontestável.

Tentei instigar um debate entre elas sobre os fortes símbolos existentes na cidade e de que maneiras eles poderiam vir a reproduzir em nós um discurso fazendo ligação com as fotografias trazidas por elas. Comentei sobre a vida agitada da cidade, seu ritmo frenético, e que

---

<sup>40</sup> Em referência a Ponte Hercílio Luz, um dos principais cartões postais da cidade de Florianópolis.

nos encontrávamos nela de passagem muito rápida, sem tempo de desacelerar nossos trajetos cotidianos e experimentá-la. Indaguei-as se é possível meio a esse universo de informações e símbolos em que é construída a cidade, produzir maneiras diferentes de vê-la?

Com um longo silêncio como resposta, convidei o grupo a participar de uma pequena experimentação num espaço bastante conhecido e vivido por elas diariamente, a Faculdade de Educação. A tarefa era bem simples! Propus que nos deslocássemos dentro do prédio e arredores da FAED com os olhos vendados e ouvidos vedados com protetores auriculares. Que outras sensações, visões e percepções além das que já estávamos habituados, aquele local poderia vir a ativar em nós? Que outra Geografia poderia acontecer se ativássemos outro modo de percorrer este espaço? Neste momento começávamos a nos movimentar, literalmente, na direção da proposta da oficina: experimentar um espaço já conhecido (da Faculdade de Educação) de outras maneiras e com elas produzir Geografias outras para além daquilo que até então nos era tão habitual.

Enquanto as estudantes se entregavam ao experimento que propus, me pus a observá-las e segui-las para tentar captar as falas, as impressões e os bastidores do “jogo” que as apresentei. Pensava comigo, andarilhando pelos corredores do prédio, sobre como é difícil propor uma experimentação do espaço, da mente, do corpo e do próprio pensamento, quando nos deparamos às estruturas consolidadas que a universidade e o mundo que nos rodeia vem cultivando em há décadas. A todo o momento as alunas querem saber *‘pra que serve a esta oficina?’*, *‘Qual a utilidade desta oficina no dia a dia da escola em que eu vou trabalhar como Pedagoga?’*. Durante a oficina, em minhas perguntas e tentativas de iniciar conversas e debates me deparei com muitos silêncios, rostos confusos, interrogações no olhar, testas franzidas, olhares cansados e até mesmo com algumas conversas entre as alunas

escutadas de canto por mim: *“Pensei que ela viesse nos ensinar o que podemos mostrar pras crianças na cidade, sobre meio urbano, sabe? Porque isso é matéria do quarto ano na Geografia!”*. No desenrolar da oficina, percebia muitos outros movimentos paralelos a ela: olhares insistentes nos relógios de pulso, as constantes checadas nos celulares, os bilhetinhos que rodavam entre as carteiras e as frequentes saídas de sala para tomar água ou ir ao banheiro.

Além de toda a conversa que circulava entre as alunas sobre a utilidade pedagógica e prática da oficina proposta, percebia que o dia escolhido para realizá-la me foi bastante caro. Nos reunimos para iniciar a oficina às dezoito horas de uma sexta-feira, o dia da disciplina de Conteúdos e metodologias de ensino em História e Geografia. Contudo, além de algumas delas terem chegado atrasadas para a oficina, logo de início uma das participantes me abordou para que pudéssemos negociar um horário de término, pois especialmente naquele dia a turma iria conjuntamente a uma festa da universidade.

Bem, eu não havia planejado realizar a oficina com um horário exato de término, apenas tinha combinado com a Professora Karina de não extrapolar para além das vinte e uma e trinta. Portanto, a priori, tínhamos cerca de três horas para que a primeira parte da oficina fosse realizada, e eu me preparei com base nisso. Assim, mediante ao pedido do grupo, combinei com a turma que não passaria das vinte e trinta, e claro, isso veio a dificultar o andamento da oficina, uma vez que tive que apressar as discussões e o tempo planejado para a experimentação do espaço. Confesso que fiquei um pouco chateada, pois estava há meses me preparando para aquele momento.

Voltando à experimentação proposta com as vendas e os protetores auriculares, eu observava o grupo disperso pela Faculdade de Educação. Nas conversas que acompanhei percebi o quanto aquele momento era engraçado para as participantes: sair da sala vendada com a

ajuda de uma de suas colegas. Elas tiravam muitas fotos do tipo *selfie* em seus celulares com o intuito de postar nas redes sociais, comentavam sobre as roupas que usariam na referida festa, brincavam sobre os acontecimentos de outros momentos do dia, riam umas com as outras contando sobre as coisas de seus trabalhos. O clima era de descontração e divertimento. O grupo era muito divertido, jovem e repleto de energia e vontade.

Com a experimentação feita voltamos à sala de aula, e eu as perguntei como foi percorrer a FAED de outra forma? Quais as sensações que se passaram naquele momento? O que de diferente pôde ser percebido que no dia a dia nunca fora notado? Há algo neste espaço que jamais fora sentido antes devido à forma que ele sempre foi experimentado?

Algumas delas queriam falar sobre aquele momento da oficina, a experimentação. Uma das participantes me disse que se sentiu muito insegura ao longo do trajeto escolhido por ela. A falta da visão para percorrer o espaço lhe trouxe medo, mas que muitas vezes pelo som ou pela iluminação, ela conseguiu se orientar.

Outra integrante do nosso grupo contou que o barulho do prédio ficava muito mais aparente e perceptível, uma vez que ela optou por fazer a experimentação sem o protetor auricular. Senti que as participantes não queriam falar muito, estavam tímidas. Eu as perguntava, dava espaço e nada acontecia. Essa resposta fez emergir algumas perguntas em mim: o que será que eu poderia ter feito naquele momento para fomentar mais o debate tornando-o mais íntimo e acolhedor, abrindo espaços para participações mais efetivas? Será que pelo fato de não ter me aproximado com mais calma e tempo do grupo prejudicou um pouco este momento de interação? Coloco aqui esses questionamentos como uma reflexão que me atravessou, atentando-me para futuras práticas de pesquisa e ensino. Pedi então que elas desenhassem ou escrevessem algo sobre o que se passou no momento de

nossa experimentação. Algumas delas já se arrumavam para sair, pois estávamos nos aproximando das vinte horas e trinta minutos, como combinado. Era um sinal! A oficina estava por finalizar-se.

Antes da turma se dispersar me sinto tal qual uma Professora de Ensino Fundamental ou Médio, cobrando a tarefa de seus alunos, fazendo-as sentar em suas carteiras para a conclusão da proposta de oficina daquele dia. Me senti amarrada à estrutura escolar, pois mesmo sabendo que a oficina não é de maneira alguma a mesma coisa que escolarização, e sim outro modo de lidar com a Educação, me vi presa a alguns protocolos escolares.

Entendido o recado sinalizado pelo coletivo, logo fui finalizando o primeiro dia de oficina. Pedi então, para que as alunas me encontrassem na escadaria da catedral metropolitana de Florianópolis, no centro da cidade, às dezoito horas da sexta feira posterior e que levassem câmeras fotográficas para o segundo dia de nossa oficina. Todas concordaram com o local e o horário, e me confirmaram a presença para a segunda etapa de nossos trabalhos na oficina.

## 6.2 PERDER-SE NA CIDADE: IMAGENS OUTRAS

*De uma cidade não aproveitamos  
suas sete ou setenta maravilhas,  
mas a resposta que dá às nossas  
perguntas.*

*[Italo Calvino – As cidades  
invisíveis]*

### **Florianópolis, 26 de Abril de 2013**

No segundo dia em que combinamos para dar continuidade à oficina, encontrei com as meninas na escadaria da catedral metropolitana de Florianópolis, às dezoito horas de uma sexta-feira. Três das nove alunas



levaram câmeras digitais e as demais levaram celulares com câmeras. Ali mesmo, sentadas na escadaria, sem perceber já conversávamos sobre a cidade. Uma das participantes me disse “- *Olha só como o espaço muda dependendo do horário! Chegamos aqui e era dia – as barraquinhas estavam todas montadas e com pessoas comprando coisas. Agora já é noite e os vendedores estão desmontando tudo e voltando para suas casas. O centro estava agitado e agora tá se esvaziando aos poucos*”.

Outra participante me apontou um relógio digital que localizado na cobertura do prédio do BNDES<sup>41</sup>, o qual segundo ela, nunca fora percebido por si própria “- *E olha que eu passo por aqui todos os dias*”, me dizia ela.

Com o grupo completo sentado na escadaria da catedral, iniciei minha fala em que chamava a atenção para o plano em que nossas fotografias sempre são produzidas. Quem sabe outro olhar na cidade se inicie com o deslocar do plano da câmera para outras direções? Se provocássemos alguns efeitos sobre nossas fotografias, como por exemplo, desfocar a imagem, quem sabe esta cidade pudesse aparecer de outra maneira? E se imaginássemos que as sensações do nosso corpo fossem impressas em nossas fotografias, de que maneira elas se colocariam na imagem? Se fosse para expressar a vertigem ou outra sensação produzida pelo nosso corpo ao percorrer a cidade, de que forma essas fotografias se apresentariam? Elas me escutavam com atenção, conversavam baixinho entre si e comentavam algumas poucas coisas sobre o que eu dizia. Eram todas ouvidos naquele momento. Era perceptível a vontade do grupo de querer entrar no jogo da oficina aquele dia. Fiquei muito à vontade e empolgada com a postura do grupo, e tal gesto me incentivou a seguir firme com a pesquisa. A meu ver foi uma postura de total companheirismo por parte do coletivo.

---

<sup>41</sup> Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social.

Nesse dia, pedi também para que as participantes dessem atenção aos detalhes, se atentassem às pequenas coisas, ao que estava escondido, ao não visto, às pessoas, às coisas que não estavam tão evidentes no dia a dia, mas que compunham a cidade, e que quase não são tidos como elementos da paisagem. Também comentei com elas para que procurassem não andar muito juntas umas das outras, e que se concentrassem no trabalho, em suas percepções, em seu olhar sobre a cidade que estávamos a explorar.

Nesse segundo dia da oficina, também achei necessário frisar às alunas o quanto era importante a entrega e a seriedade delas naquele momento, postura que desde o início foi adotada pelas mesmas. Falei sobre o quanto estudei, pesquisei e me preparei para estar ali e que não era nada fácil para mim essa parte da pesquisa, a oficina. Então, era de suma importância a atenção delas para com esse momento do trabalho. Ressaltei também que meu estudo compõe com o olhar do outro, minha pesquisa não existe sem elas e as outras pessoas com quem eu viria a realizar a oficina. Trata-se de um trabalho que busca olhar algo muito particular e sutil. Algo muito pessoal. “- *É disso que se trata meu trabalho: de fazer existir aquilo que não é contado nos livros didáticos, na mídia, nas revistas, nos jornais, nos cartões postais e nos panfletos turísticos*”. Eu estava em busca de uma Educação em Geografia que olhasse para o outro, para aquilo que a Geografia maior não abre espaço, não considera constituinte do espaço.

O silêncio depois de muitas tentativas se fez presente! As imagens foram sendo produzidas, e aos poucos, lentamente, entre uma conversa aqui e um encontro com um conhecido no centro da cidade, a oficina foi envolvendo as alunas e quando me dei conta, as integrantes da pesquisa estavam perdidas meio a cidade, fascinadas com o que encontravam, assustadas com a apatia e rapidez que o dia a dia corrido nos submete às invisibilidades da cidade. Elas me chamavam e me

mostravam construções, pessoas, vitrais, grafites, muros, lixo, escadarias, comidas, janelas, roupas, azulejos, lajotas, árvores, grades, placas, o céu, luzes e me falavam sobre o centro da cidade que elas percorriam.

Luana<sup>42</sup> me contava que quando era mais jovem o centro era o seu lugar favorito, que ela mais percorria, pois morava ali perto, na Rua Tenente Silveira. Ela me falava sobre o quanto gostava de ficar sentada tomando vinho na escadaria do Palácio Cruz e Sousa com os amigos nas noites de sexta-feira, como aquela ali que estávamos a flunar. “- *Na época o centro não era perigoso, nós andávamos em bandos e íamos embora a pé mesmo. Não tinha perigo, nunca ninguém foi assaltado nem agredido*”.

Sílvia, outra aluna, ficou estarelecida com a quantidade de lixo que encontrou frente às lojas, lanchonetes, restaurantes e café do centro da cidade no anoitecer. “- *A gente não tem noção da quantidade de lixo que produzimos. Olha só esse monte de lixo apenas desse pequeno café*”.

Vanessa e Marília me chamavam para relatar que no momento em que faziam algumas fotografias, uma senhora que vendia pipoca frente ao Mercado Público de Florianópolis as chamou e perguntou o que faziam ali fotografando a cidade de noite. Elas responderam que era um trabalho da Universidade que tinha como objetivo encontrar o invisível da cidade que vivemos. As alunas me disseram que a senhora ficou encantada com a proposta e que começou a contá-las sobre a sua cidade invisível. Dentre as coisas que a senhora falava às alunas estava o fato de ela achar que o centro é a parte da cidade que mais faz as pessoas entrarem em contato umas com as realidades das outras. A senhora dizia que “- *Aqui anda pobre, rico, preto, amarelo, branco, índio, mendigo, empresário, estudante, prostituta, enfermeira, professora e*

---

<sup>42</sup> O nome das participantes foi inventado para garantir o anonimato das mesmas.

*viciado*” quase que como se estivesse citando aquilo que Albert Camus (2010) fala em seu livro *A peste*, em que “uma forma conveniente de travar conhecimento com uma cidade é procurar saber como se trabalha, como se ama e como se morre”. (p. 08).

Quando chegamos ao Mercado Público de Florianópolis o relógio marcava vinte e uma horas passadas. Percebi que já estava bastante tarde e era a hora de encerrar os trabalhos, pois não quis que ficasse muito tarde para as alunas que dependiam de ônibus irem embora. Meio às conversas cruzadas de todas nós, que estávamos bastante tocadas e empolgadas por tudo que havíamos vivenciado naquela noite, me senti satisfeita por perceber que nossa experiência com a cidade havia sido muito leve. Agradei a todas as participantes pela disponibilidade e pedi então que me enviassem as fotografias escolhidas por e-mail.

Nessa oficina nos colocamos a experimentar olhares para com a cidade de Florianópolis, ou *um ver a mais*, por meio da experimentação noturna que buscou possibilitar uma demora sobre esse espaço urbano percorrido por nós todos os dias, mas que ainda assim, não é explorado em toda sua potencialidade. As participantes dessa oficina fizeram suas imagens chegarem até mim, como respostas que a cidade nos dá a todas as perguntas feitas durante a oficina, que aqui nomeio de ‘Fotomapa – Geografias de *um ver a mais*’, pois assim como Italo Calvino (1990) nos chama a atenção na epígrafe deste capítulo, “de uma cidade não aproveitamos suas sete ou setenta maravilhas, mas a resposta que dá a nossas perguntas” (p. 42).

### 6.3 OFICINAS DE ENCONTROS

*Não se sabe se Kublai Khan acredita em tudo o que diz Marco Polo quando este lhe descreve as cidades visitadas em suas missões*

*diplomáticas, mas o imperador dos tártaros certamente continua a ouvir o jovem veneziano com maior curiosidade e atenção do que a qualquer outro de seus enviados ou exploradores. Existe um momento na vida dos imperadores que se segue ao orgulho pela imensa amplitude dos territórios que conquistamos, à melancolia e ao alívio de saber que em breve desistiremos de conhecê-los e compreendê-los, uma sensação de vazio que surge ao calar da noite com o odor dos elefantes após a chuva e das cinzas de sândalo que se resfriam nos braseiros, uma vertigem que faz estremecer os rios e as montanhas historiadas nos fulvos dorsos dos planisférios, enrolando um depois do outro os despachos que anunciam o aniquilamento dos últimos exércitos inimigos de derrota em derrota, e abrindo o lacre dos sinetes de reis dos quais nunca se ouviu falar e que imploram a proteção das nossas armadas avançadas em troca de impostos anuais de metais preciosos, peles curtidas e cascos de tartarugas: é o desesperado momento em que se descobre que este império, que nos parecia a soma de todas as maravilhas, é um esfacelo sem fim e sem forma, que a sua corrupção é gangrenosa demais para ser remediada pelo nosso cetro, que o triunfo sobre os soberanos adversários nos fez herdeiros de suas prolongadas ruínas. Somente*

*nos relatórios de Marco Polo, Kublai Khan conseguia discernir, através das muralhas e das torres destinadas a desmornar, a filigrana de um desenho tão fino a ponto de evitar as mordidas dos cupins.*

*[Italo Calvino – As cidades invisíveis]*

### **Florianópolis, 25 de Junho de 2014.**

O dia estava nublado, cinza. Usavam-se roupas pesadas. Quentes. Compridas. Com os materiais nos braços e lá fui eu acompanhada de meu amigo e colega de mestrado Davi, que se dispôs a fazer o registro fotográfico das oficinas de encontros na cidade, realizar mais uma etapa.

Com uma caixa de sapato contendo lápis, tesoura, cola, apontador, giz de cera, canetas, marcadores de texto de diversas cores, grampos de metal, juntamente a um bloco de folhas brancas A3 e meu caderno de campo, cheguei a uma das academias ao ar livre situada em um dos trapiches da Avenida Beira Mar Norte, em Florianópolis.

O lugar em geral era ocupado por pessoas que iam até ali por diversos motivos: fazer exercícios físicos (seja nos aparelhos ao ar livre ou em corridas, caminhadas, patinadas, bicicletas, skate etc.) para tomar algo com amigos, sentar à beira do mar e apreciar a paisagem, tirar fotos, passear com animais, etc.

Cheguei cedo para realizar a oficina com os desconhecidos que por ali passariam, sentei em uma mesa redonda de concreto que encontrei ao canto dos aparelhos de exercício físico e ali sentada, fiquei a pensar comigo mesma o quanto estava envergonhada! Percebi isso e me

dei conta do quanto fico tímida em situações deste tipo, em que precisava iniciar uma conversa com pessoas que não conheço minimamente. Em um breve período de pessimismo pensei que a oficina não iria dar certo! Lembrei então da primeira vez que tive de entrar em uma sala de aula com quarenta alunos adolescentes para dar aula no estágio de docência, tal como já narrei de forma breve nesta dissertação. Aquele momento foi como incorporar uma personagem, e ali era o momento de fazer o mesmo! Respirei fundo e me pus a ativar uma pesquisadora tranquila, calma e muito positiva no que estava fazendo. Não foi nada fácil!

Conversando com meu amigo Davi, eu falava a ele sobre o quanto é difícil pesquisar com a vontade e com o olhar do outro.

*“Como eu vou conseguir convencer essas pessoas a parar suas vidas, suas atividades físicas, seu momento de descanso e relaxamento para participar de minha pesquisa?”*

À medida que me aproximava das pessoas percebia outras me olhando ao redor. Estariam pensando elas que eu oferecia algum produto para compra? Ou pensavam que eu e Davi éramos evangelizadores? Lembro muito bem, sempre que ia até a beira mar para correr, era abordada por algumas pessoas oferecendo cursos, produtos, convites para frequentar esta ou aquela religião. Ali me sentia como uma daquelas pessoas. Encontrava-me em um território estranho, apesar de conhecido, pois estar em um espaço designado para determinadas atividades e interessar-se em algo completamente fora delas, causa certo desconforto e insegurança.

Respirei fundo e saí a caminhar. Próximo ao mar, em uma das mesinhas de concreto vi um jovem rapaz a escutar música. Ele olhava fixamente para a água, como

quem estava a pensar em algo muito distante dali. Fui até ele e o convidei para participar da oficina. Ele aceitou de imediato e foi muito gentil comigo! O jovem rapaz tinha recém chegado a Florianópolis para trabalhar. Comecei a mostrar a ele as fotografias produzidas na primeira oficina que fiz com as alunas do curso de Pedagogia e pedi para que escolhesse uma, a seu gosto, que ele supostamente enviaria a um amigo que não conhecesse Florianópolis.

Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo que observa uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica mas com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos. Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual, tomando cuidado, porém, em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília Metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual, todavia, só agora pode ser apreciada através dos velhos cartões-postais, enquanto antes, em presença da Maurília provinciana, não se via absolutamente nada de gracioso, e ver-se-ia ainda menos hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e que, de



qualquer modo, a metrópole tem este atrativo adicional – que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que se foi. (CALVINO, 1990, p. 30).

Fotografia escolhida! “*Por que esta?*” -, eu o perguntei. “*Porque nela aparecem as grandes construções de Florianópolis. As antigas! A arquitetura. Isso é o bacana da capital. São lugares diferentes que se tem aqui em Florianópolis pra gente levar as pessoas para conhecer. E para as pessoas querer conhecer uma cidade, ela tem que ser atrativa*”. Ele me explicou que aquela fotografia era a única que possuía “*alguma coisa mesmo*” da cidade. As outras fotografias “*não tem nada. Não dá pra entender!*”. Então, ele me perguntou: “*Numa cidade tão cheia de belezas como esta, como eu vou mandar pra um amigo fotografias como estas?*” - e aponta para as fotografias sem foco ou que retrataram o chão, o céu, ou o lixo.

O desconhecido dizia que Florianópolis é um “lugar de turismo”, e em cidades assim era preciso se mostrar algo. Ele me contava que se eu percebesse a conversa de algumas pessoas que passavam por ali naquele momento, muitas eram turistas vindos para ver os jogos da Copa do Mundo<sup>43</sup>, e passavam em Florianópolis (cidade que não é sede da Copa) para conhecê-la, logo, ele me dizia que essa cidade possui muitos atrativos a serem mostrados. Ao ouvir atentamente aquele jovem, eu me questionava o porquê de uma cidade que se mostra meio a rastros fugitivos da imagem clichê, não provoca quereres nas pessoas?

---

<sup>43</sup> No ano de dois mil e catorze a Copa do Mundo de futebol foi realizada no Brasil.

É inútil querer saber se estes são melhores do que os antigos, dado que não existe nenhuma relação entre eles, da mesma forma que os velhos cartões-postais não representam a Maurília do passado, mas uma outra cidade que por acaso também se chamava Maurília. (CALVINO, 1990, p.31).

No decorrer da oficina, pedi para que o rapaz construísse uma imagem, à sua maneira, na folha de papel A3 branca, juntamente ou não, à fotografia escolhida por ele mesmo e os materiais que eu havia levado na caixa. Disse a ele para que ficasse à vontade para fazer uso da fotografia da maneira que ele preferisse: recortar, perfurar, destruir, colar, remontar. Antes de iniciar a proposta na folha branca, o participante me alertou, que as fotos apresentadas por mim, faltaram mostrar a beleza da cidade – *“a ponte, por exemplo! É uma referência da cidade e nessas fotos ela não aparece!”*. As imagens trazidas comigo provenientes da oficina, já realizada anteriormente, eram imagens que faltavam, imagens faltantes, me ensinava o desconhecido.

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que voe deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (CALVINO, 1990, p. 18).

Em sua folha de papel A4, o sujeito preferiu escrever sobre a cidade, pois disse que não se sentia a vontade nem em desenhar, nem em deformar a fotografia

escolhida. “*Grandes construções*” – assim o desconhecido me ensina uma forma de expressar a cidade.

Beleza. Grandes construções. Mostrar algo. A ponte. Uma capital. Turismo. Copa. Atrações. Essas são as palavras que mais aparecem em meu caderno de campo. Durante a oficina, senti o anônimo um tanto incomodado com minhas perguntas. Sobre as imagens, ele me reforçava por muitas vezes que elas não poderiam contar muito sobre Florianópolis, pois a cidade tinha tantas coisas bonitas! Como mostrar só “*um azulejo com um boi de mamão*”? – em referência a uma das fotografias. “*Isso não é Floripa!*”. “*Eu queria uma fotografia da ponte! Uma fotografia com esta imagem*”. Com a fala proferida pelo jovem, eu me questionava: como sobreviver, se colocar e resistir a este emaranhado de imagens “*belas*” mostrando apenas rastros da cidade? Como?!

Nesse mesmo dia, realizei mais uma oficina no mesmo ambiente em que me encontrava. O segundo anônimo que conversei morava na cidade vizinha Palhoça há apenas quatro meses, mas todas as tardes vinha até Florianópolis conhecer e andar pela cidade. O desconhecido mostrava-se aberto a participar da oficina. Conversava bastante comigo. Queria saber o que eu fazia. De onde eu vinha. Com o que eu trabalhava. E claro, para o que eu utilizaria tudo aquilo sobre o que conversava e mostrava a ele. Fiquei a pensar se eu deveria ou não me apresentar e contar o motivo de tudo aquilo que acontecia entre nós. A pesquisa é um jogo e eu resolvo abri-lo ao participante. Conteí a ele que eu era Professora de Geografia e que estava cursando mestrado em Educação. Disse também que aquilo tudo fazia parte de uma pesquisa que eu estava realizando na Universidade sobre a cidade. Ele me olhou, sorriu e continuou a conversar sobre as imagens. Senti que o aval para a continuidade da oficina estava dado.

O critério da imagem escolhida pelo desconhecido foi o fato de que ela continha prédios antigos bem

iluminados. Ele me explicava que isso o chamava muito a atenção, pois em um dia à noite, há algumas anteriores àquela, ele havia ido até o centro de Florianópolis e ficou a observar os prédios antigos todos muito bem iluminados, o que lhe encantava.

Continuamos a oficina e ele expressou sua percepção sobre a cidade na folha de papel que eu o entreguei. Ele me contava que adorava desenhos, e por esse motivo escolheu desenhar sua percepção da cidade pra mim. Eu perguntei se ele queria ou não destruir, cortar, transformar a imagem escolhida para supostamente ser enviada a um amigo. Ele me dizia que não, que gostava da imagem e que ela representava bem uma parte da cidade de Florianópolis. “*Mas é só uma parte!*”. Concordo com o participante, aquelas imagens são uma pequena amostra, uma parte, um rastro, uma camada, uma marca.

### **Florianópolis, 01 de Julho de 2014**

Após uma semana de intensas chuvas e ventos, fatores que impediram a realização das oficinas, pois eu sempre necessitava percorrer a cidade com papéis e encontrando pessoas. Sem pessoas nas ruas, sem oficina!

Voltando a me debruçar sobre as Oficinas de Encontro, o ambiente escolhido nesse momento foi uma pista de skate localizada em frente ao Shopping Iguatemi, localizada no bairro Trindade. Ao lado dessa pista havia uma quadra e um campo de futebol. Ali muitos jovens, tanto meninos quanto meninas, se encontravam para andar de skate, jogar futebol, grafitar a pista, encontrar com amigos, tomar algo, conversar, ouvir música, etc. Em geral, o público que frequentava esse local era bastante jovem. Observava que o local era ocupado por crianças desde cinco anos de idade acompanhadas de seus pais, até jovens de mais ou menos trinta anos.

Ceguei à pista de skate por cerca das dez horas da manhã. No local não havia muitas pessoas como eu

observava de costume, ao passar por ali aos finais de semana. Eu via cinco pessoas, cada qual dando uso àquele ambiente da sua maneira: uma garota lia em um dos bancos, um jovem rapaz andava de skate na pista, outros dois jogavam bola na quadra e outro garoto parecia estar ali sentando tomando sol.

Da mesinha que escolhi para sentar e espalhar meus materiais observava o jovem rapaz fazendo manobras na pista com seu skate. Ele também percebeu a minha chegada, pois havia poucas pessoas na pista, e de vez em quando ele parava suas manobras e observava eu retirar de minha bolsa toda a “parafernália” que carregava comigo: lápis, tesoura, papel, fotografias, cola, giz de cera. Não pensei duas vezes e fui até o desconhecido convidá-lo para participar da oficina.

O anônimo era Gaúcho e morava há três anos em Florianópolis. Ele observava as fotografias com cuidado, virava daqui, virava de lá, olhava frente e verso, mudava as posições, levantava, olhava de perto, de longe. Em algumas fotografias seu rosto mostrava uma expressão de estranhamento, de inquietação, e ele movia as fotografias como que se tentasse encaixá-las em alguma coisa. Era como se procurasse nitidez, sintonia. Em outras fazia expressões afirmativas, como quem queria dizer “ah, esta sim!” e seus olhos relaxavam, ficavam soltos, abertos por inteiro, ao contrário de quando seu rosto se fechava para alguma das fotografias e seus olhos ficavam pequenos, comprimidos.

Observo o jovem manuseando as fotografias e me deparei com o fato de que ele era o primeiro desconhecido que me parecia estar a apreciar (não apenas no sentido de estimar, prezar, mas também de avaliar, reprovar, estranhar, inquietar, julgar) e analisar as fotografias com suas expressões faciais. Assim que o jovem terminou de ver as fotografias, ele me perguntou se poderia escolher quatro delas, invés de uma só, que o chamou a atenção. Eu o disse que sim, que ele ficasse à vontade em sua escolha.

A primeira fotografia escolhida se deu pelo motivo de Florianópolis ser uma cidade turística, na qual, segundo o desconhecido, os governos se preocupam em arrumá-la somente aos fins de ano para a temporada de verão. “*E o resto do ano?*”, dizia-me ele, tal qual a imagem de uma das fotografias. Como fica a cidade? E o trânsito?

A segunda e terceira fotografias foram escolhidas por conta de retratarem a arquitetura do centro da cidade. Ele apontava para as fotografias e me perguntava: “*Não é aquela igreja grande do centro? Aquela na frente da praça? São fotos diferentes do mesmo local.*” A quarta e última fotografia escolhida foi devido ao meio de locomoção utilizado por ele e pela maioria de seus amigos de Florianópolis, a bicicleta. Ele me ensinava que o meio de locomoção das pessoas na cidade também permitia a criação de imagens diferentes.

No último momento do encontro com o desconhecido, pedi para que ele expressasse a sua cidade da melhor forma que o fosse confortável na folha de papel que o entreguei. Ele me disse que tentaria desenhar a sua Florianópolis percorrida, mas que nem sempre suas mãos respondiam aos seus pensamentos.

Nessa agradável manhã de sol e frio de uma terça-feira continuei o trabalho das oficinas de encontros. O segundo desconhecido com quem conversei morava em Florianópolis desde que nasceu. Ele olhava muito pouco para mim, era bastante jovem, deveria ter quinze ou dezesseis anos e manteve-se de cabeça baixa por todo o tempo que conversamos. O garoto falava muito pouco, quase nada, apenas o que eu lhe perguntava e em poucas palavras.

O garoto foi bastante rápido e objetivo na escolha das fotografias. Em menos de dois ou três minutos conseguiu olhar todas e escolheu quatro delas. Qual o motivo da escolha daquelas e não de outras fotografias, perguntei a ele. O anônimo respondeu que escolheu todas as fotos em que ele conseguiu identificar o local, logo, o

centro de Florianópolis. *“Essas duas fotografias são do prédio onde fica o Mc Donald’s na Rua Trajano, esse relógio fica logo em cima do prédio do BNDES e aqui é o chão da frente da Catedral”*. Eu o questionei se eram mesmo aqueles locais que ele afirmava. Ele sem titubear disse: *“Sim!”*.

Fiquei impressionada com o rápido reconhecimento dos locais pelo garoto, os quais eu, que estava no momento em que as fotografias foram feitas, poderia confirmar que estavam todos corretos. Eram exatamente aqueles locais que o anônimo indicou com rapidez. *“Terminou?”* – me perguntou ele. Faltava uma última coisa, que era a parte que o desconhecido me mostrava como era a cidade que ele vivia na folha de papel A3. Ele ficou por alguns minutos parado com a foto na mão e a folha abaixo de seus braços. *“Tá, mas aí o que eu desenhar pra ti aqui eu tenho que mandar pra alguém?”* -, me perguntava o garoto. Não, eu o respondia, tentando o tranquilizar. *“Eu só quero saber como é a cidade que você vive da maneira que você quiser me mostrar nesta folha de papel”*.

Sinto que ele ficou preocupado com o uso que darei ao desenho. *“Tu vai mostrar pra muita gente isso?”*. *“Só pra quem quiser ver”*, eu o respondi. Tranquilei o garoto e o contei que de onde eu e minha pesquisa vínhamos, não havia certo nem errado, apenas modos diferentes de ver as coisas, e o dele era mais um desses modos. E o desconhecido se colocou a desenhar para mim sua cidade.

### **Florianópolis, 02 de Julho de 2014.**

No dia seguinte, voltei à pista de skate. O dia estava parecido com o anterior: sol e vento, e um pouco frio. Vi de longe um rapaz que aparentava ter uns catorze ou quinze anos. Ele carregava uma mochila nas costas e trajava roupa colegial. Ele se encontrava sentado na pista e parecia prestar atenção em tudo, menos no que o rodeava. Parecia estar em outro mundo, pensando em algo muito

longe dali. Os olhos estavam muito distantes. Aproximei-me dele e o convidei a participar da oficina, e ele aceitou.

O garoto desconhecido era estudante do ensino médio. Conversando com o jovem, percebia que ele parecia mesmo estar com a cabeça em outro mundo. Mostrava-se preocupado, agoniado. Perguntei se ele tinha algum compromisso para aquela hora, e ele me responde que sim. “*Jogar bola*”. Ao observar as fotos era como se essas nem em suas mãos estivessem, pois ele as olhava com os olhos muito distantes dali. Algumas até caíram no chão e voaram sem ele ter percebido. Algumas outras coisas além da oficina se mostravam a preocupar o garoto naquele momento. Mas bem, ele me contava que quase todas as fotos estavam com defeitos e que eram fotografias feias, de coisas que estavam jogadas no chão, nas paredes, mostravam muito os defeitos da cidade. Não eram bonitas, me dizia.

Com duas fotografias escolhidas, eu o perguntei o porquê daquelas escolhas? Ele me dizia que foram as que ele achou as mais bonitas. Convidei então o garoto a realizar a terceira parte da oficina: a sua percepção da cidade. Expliquei que ele poderia fazer com aquela folha de papel o que ele quisesse. Até mesmo com a foto: rasgar, colar, cortar, etc. Ele me indagava com precisão “*Afinal, o que é pra fazer? Desenhar? Eu não sei desenhar*”. Eu disse a ele que se preferisse poderia escrever. O verso de uma música que ele gostava e que tinha a ver com sua visão da cidade, um poema, uma frase, uma palavra. Estava nas mãos dele aquele papel! Então ele me disse “*Ah não, isso é muito difícil. Vou desenhar que é mais fácil. Tá muito difícil isso por que tu não diz o que tu quer que eu faça*”.

Essa última frase me fez mais uma vez me lembrar de minha trajetória como Professora de Geografia, em que eu levava propostas para trabalhar com os alunos ao fim das aulas da semana. Eram propostas que visavam dar autonomia e espaço ao pensamento dos alunos. Quaisquer



pensamentos! Não havia fórmula ou resultado a ser atingido, eram propostas para dar espaço ao que pudesse vir a ser criado pelos alunos. Quando chegava o momento de entrega das atividades os alunos reagiam da mesma maneira que o desconhecido naquele momento *“O que você quer que eu faça? O que é pra fazer?”*.

Atenta à apatia do garoto, tentei mais uma vez incentivar sua expressão à minha proposta. *“O que você mais gosta de fazer aqui em Florianópolis? Qual o lugar que mais gosta de ir?”* Surfar, ele me responde. *“Que tal começar por aí?”* -, eu tentei o animar. Ele me pergunta: *“É pra desenhar o mar então, né?”*. E eu o respondo: *“É pra desenhar ou fazer o que você quiser. Pense um pouco sobre isso”*.

O garoto fica imóvel frente à folha de papel e aos materiais que foram oferecidos para a oficina. Em um lapso ele pega um giz de cera azul e num vai e vem na folha branca inicia algo nela. Parece um mar. *“É um mar?”*, e ele me responde que *“É!”*. E eu o questiono: *“Você só surfa em mares assim, que não tem ondas?”*. O garoto desconhecido me fita com uma expressão de esgotamento. Atentei que a oficina havia se encerrado, o garoto me mostrava isso. Às vezes é preciso deixar o outro quieto, aprendi.

Nesse mesmo dia, observei uma garota escutando música em um dos bancos de concreto da pista de skate. Vou até ela e a convido para participar da oficina e ela aceita.

A oficina se iniciou pela escolha da fotografia, e a desconhecida me contou que esta se deu porque nela apareceram muitas luzes. A garota me contava que Florianópolis era uma cidade com muitas luzes, e que se corria também por meio dessas luzes. A jovem conversava comigo de maneira muito fluida, e me falava que aquelas fotografias não eram tão entendíveis e nítidas, mas que ela gostava do efeito que é causado pela máquina e por quem as tirou. Ela não sabia me dizer se foram

fotografias propositalmente feitas com a intenção de saírem “borradas” ou de locais e coisas incomuns. Mas ela me dizia que no geral gostava do conjunto de imagens que via ali. Era agradável aos seus olhos.

Ao trabalhar na folha de papel A3, a participante se mostrou interessada em utilizar a fotografia escolhida para compor sua imagem. Quando ela se pôs a iniciar a confecção de sua imagem, ela parava, pensava, se demorava na folha de papel e não perguntava nem conversava nada comigo. Percebi que era um momento dela, e a oficina colocou seu fone no ouvido e deixou a mão lhe guiar.

No mesmo dia, à tarde, fui à feirinha hippie da UFSC. Estava sentada e sem pretensão de fazer a oficina ali, mas o ambiente me pareceu propício com tantas pessoas sentadas na grama conversando, descansando ao intervalo das aulas, comendo ou tomando algo.

À minha frente uma menina muito simpática passou e eu a convidei a participar da oficina. Ela morava em Florianópolis há dez anos, mas era gaúcha. Apesar de a guria estar com pressa, visto que estava acabando o intervalo de sua aula, ela escolheu quatro fotografias que a agradaram. A escolha das imagens se deu por conta das cores frias, que, segundo a própria, chamavam sua atenção. *“Há muito azul na foto”*.

Ela ainda comentou que naquelas fotografias dava para perceber que o centro estava sendo fechado, pois o anoitecer estava aparente, e a área comercial da cidade começava a fechar suas portas. O lixo da cidade também estava presente por todos os cantos, me dizia a jovem, e que imagens como aquela, do lixo encostado na parede, se repetiam com muita frequência no seu dia a dia.

O resultado é o seguinte: quanto mais Leônia expele, mais coisas acumula; as escamas do seu passado se solidificam numa couraça impossível de se tirar;

renovando-se todos os dias, a cidade conserva-se integralmente em sua única forma definitiva: a do lixo de ontem que se junta ao lixo de anteontem e de todos os dias e anos e lustros. (CALVINO, 1990, p. 106).

A jovem falou ainda que escolheu outra fotografia em que ela acreditava conter os trabalhadores ambulantes do centro da cidade (mas não dava pra ter certeza se era isso mesmo), que são muitos e nem sempre são vistos e percebidos pelas pessoas. *“Eles se misturam à multidão, se camuflam”*.

Finalizando a oficina, ela me dizia que se fosse para fazer uma fotografia de Florianópolis, ela faria da figueira centenária da Praça XV de Novembro, pois é a imagem que ela mais aprecia da Ilha. Devido ao seu horário limitado, a anônima precisou sair sem participar da terceira parte da oficina, que era a proposta com a folha de papel.

No cair da tarde, ainda na feirinha, um casal se aproximou de mim. Eles sentaram ao meu lado e começaram a conversar. Perguntavam para que serviam todos aqueles materiais, fotografias e etc. Eu os expliquei e aproveitei o momento para os convidar a participar da oficina.

A jovem desconhecida é de Londrina, no Paraná, e mora em Florianópolis por conta do mestrado na UFSC. O seu companheiro me contava que residia em Londrina e estava em Florianópolis a passeio, visitando a namorada. Ambos eram pedagogos e atuavam como Professores nessa área.

O casal desconhecido ficou por alguns minutos observando as fotos e comentando entre eles coisas que eu não conseguia escutar, pois falavam muito baixo. Percebi que ambas as escolhas foram quase que de comum acordo entre os dois, e a cada foto que se interessavam, eles discutiam, apontavam alguma característica, conversavam

sobre a tomada da imagem, aproximavam dos olhos algumas delas e por outras passavam direto.

A jovem focou sua escolha da fotografia baseada na questão de algumas imagens que traziam rastros de que alguma pessoa esteve naquele local. A fotografia indica a presença humana sem expor ela, dizia-me a desconhecida. Ela me falava que a cidade é um produto muito humano e nada mais claro em sua opinião do que falar sobre a cidade por meio das pessoas.

O jovem desconhecido escolheu sua foto devido ao debate que muito vinha acompanhando nas universidades: a questão da segurança. Ele me contava que *“é necessário vigiar as pessoas e manter um controle por parte do estado”*. Na última conversa durante a oficina, o casal desconhecido se colocou a trabalhar em duas folhas diferentes. A garota optou por utilizar a imagem escolhida por ela para compor sua percepção sobre a cidade e o jovem decidiu desenhar. O desenho feito por ele foi baseado na manhã daquele dia em que eles haviam caminhado pelo centro da cidade, onde um músico de rua tocou algumas músicas a eles. Aquele momento marcou muito o passeio do jovem desconhecido em sua breve passagem por Florianópolis, e ele decidiu expressar sua Florianópolis na folha de papel a partir daquele instante.



## 7 PENÚLTIMA PARADA: A CARTOGRAFIA PERCORRIDA

\*\*\*

*O Grande Khan possui um atlas em que estão desenhadas todas as cidades do império e dos reinos adjacentes, palácio por palácio e rua por rua, com as respectivas muralhas, rios, pontes, portos, rochedos. Sabe que é inútil esperar novidades dos relatórios de Marco Polo a respeito desses lugares que, de resto, conhece perfeitamente: de como em Cambaluc, capital da China, três cidades quadradas estão uma dentro da outra, cada uma com quatro templos e quatro portas que se abrem segundo as estações; de como na ilha de Java o rinoceronte enfurecido ataca com o seu chifre mortífero; de como se pescam pérolas no fundo do mar na costa de Maabar.*

*Kublai pergunta para Marco:*

*— Quando você retornar ao Poente, repetirá para a sua gente as mesmas histórias que conta para mim?*

*— Eu falo, falo — diz Marco —, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá os campanários de descarregadores e gondoleiros às margens do canal diante da minha casa no dia do meu retorno, outra ainda a que poderia ditar em idade avançada se fosse aprisionado por piratas genoveses e colocado aos ferros na mesma cela de um escriba de romances de aventuras. Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido.*

*— Às vezes, parece-me que a sua voz chega de longe até mim, enquanto sou prisioneiro de um presente vistoso e invisível, no qual todas as formas de convivência humana atingiram o ponto extremo de seu ciclo e é impossível imaginar quais as novas formas que assumirão. E escuto, por*

*intermédio de sua voz, as razões invisíveis pelas quais existiam as cidades e talvez pelas quais, após a morte, voltarão a existir.*

*As cidades invisíveis - Italo Calvino (1990, p.123-124)*

\*\*\*

Nestas últimas linhas, teço minhas reflexões sobre a cartografia que percorri e às considerações que cheguei com esta pesquisa de mestrado. Muitos foram os aprendizados, atravessamentos, formas de pensar e repensar. Parei, voltei, revi e reescrevi por incontáveis vezes. Ficava perplexa e preocupada quando as coisas não saíam do lugar, mas com o tempo aprendi que pesquisar é este movimento incerto e pulsante, que ganha novas formas com o passar dos instantes. E é desta forma um tanto lenta e demorada que construímos nossos avanços, ainda que por vezes pequenos para toda uma instituição e ciência, mas extremamente consideráveis em nós mesmos como seres humanos.

Acredito que o grande avanço, mudança e inovação das pesquisas em geral são os traços que ficam de reposicionamento do pesquisador como indivíduo. Olho para trás e me recordo dos primeiros meses como mestranda e acredito que me transformei muito, mas não só como aluna e pesquisadora, mas também como ser humano, professora, indivíduo que daqui para frente irá percorrer este mundo por pensamentos, pois pensar também é mudar de posição em relação à nós mesmos como pessoas.

Nestes dois anos de pesquisas, debruçada no exercício de descobrir os limites e as fragilidades de construir um texto, busquei atuar tal qual Marco Polo enquanto narrava a Kublai Khan as cidades do império

mongol. A opção por dialogar com este livro - *As cidades Invisíveis*, de Italo Calvino – se deu por conta de que o viajante Veneziano, por diversas vezes me levou a pensar a cidade de Florianópolis por múltiplas perspectivas. Neste processo de alargar meu próprio pensamento a um horizonte de possibilidades, desejei compartilhar tal experiência para que pudesse contribuir com minhas questões ligadas à formação de alunos e professores. Assim, o esforço deste trabalho concentrou-se em inventar outras imagens e outros discursos sobre uma mesma cidade: Florianópolis. A dissertação não buscou salientar binarismos, como, sair de um lado e chegar ao outro, mas sim compartilhar outros modos de ver a cidade e agregá-los aos já existentes. Dar oportunidade de composição a estes olhares e discursos.

Percorri Florianópolis não somente no intuito de trazer aos leitores dados geográficos sobre a cidade: a urbanidade, a geologia, o clima e a economia. Juntei-me a esta cidade e me encontrei a outros “Marcos Polo” existentes nela, para em um esforço coletivo dar espaço, voz, corpo para além do que já encontramos nos livros, revistas, TV, cartões postais, etc. Assim, nestas muitas Florianópolis que me chegaram através de narrativas e imagens, conto nesta pesquisa, assim como Marco Polo fazia ao Imperador Tártaro, as muitas Florianópolis que pude ter contato e percorrer, em toda a sua perfeição e imperfeição, natureza e morte, beleza e horror, multiplicidade e unidade.

Meio a este emaranhado de atravessamentos decorrentes deste processo de pesquisa, uma pergunta se faz importante neste fim ou pausa: “Conseguimos fugir do clichê o tempo todo?”. Acredito que não. Somos



indivíduos clichês, vivemos em ambientes cercados de clichês e mais, ousaria dizer ainda, que o clichê nos ajuda por muitas vezes a pensar, a repetir, a resistir e a reagir frente às demandas do cotidiano. Perceber a existência de clichês e querer lidar com eles não é indicar um culpado, um erro, ou uma vontade de orientação sobre o outro. Não é evidenciar tal questão para então indicar direções “corretas” às pessoas. Mas sim saber como o pensamento se orienta e como ele opera, pois lidar com o processo de ser orientado é uma condição primordial para discutir formação.

Em um desejo de fazer parte de uma educação sem definições de horizontes prévios, pensar a partir e com o clichê se faz importante. E se conseguíssemos ser livres deles – os clichês- seríamos efetivamente melhores ou mais livres? Penso que não, pois acreditar que nos livramos do mundo dos clichês também pode ser um particular jeito de imaginar que podemos escapar dele. E talvez o fato não seja apenas escapar, mas como estar nele e por repentinas e leves tomadas cuidar para que a resistência ao clichê não se converta a uma sutil variação dentro de uma mesma narrativa, como me foi dito certa vez pela Professora Lúcia Schneider Hardt.

O que sugiro aqui e desejo em minha caminhada como professora de geografia é provocar “mexidas” no campo dos significados por meio de entender um pouco mais os significados que as imagens produzem em nós como indivíduos. Processo este bastante próprio de alunos e professores.

Também em uma vontade de lidar com as múltiplas possibilidades do olhar e sentir uma cidade foi algo que movimentou e fez esta pesquisa vibrar de seu

início ao fim, por conta de um exercício em mim mesma como Educadora. Diria que este movimento vai ao encontro, mais uma vez, de uma questão de formação em Educação, pois formar não é dar a todos a mesma moldura, o mesmo caminho a seguir, mas sim, garantir que as pessoas possam se deslocar em direções e pensamentos distintos e saber o que fazer com isso quando se está junto. Quando estamos sozinhos, vamos para qualquer lugar, mas e quando estamos juntos? Como por exemplo, nas cidades, nas escolas, nos ambientes coletivos. Este é o grande desafio hoje nos ambientes educacionais: o que fazer quando estamos juntos se pensamos todos de formas diferentes? O Educador livre de amarras escolarizantes é aquele que meio aos grupos que tem a sensibilidade para lidar com o diferente, com o desvio, com o múltiplo, com o diverso, pois ainda vemos nas escolas alguns mecanismos que podam as vontades dos indivíduos.

No sentido de estar junto, compartilhar experiências e trabalhar com diferentes pensamentos, as oficinas colocaram-se como um espaço de construção para tais perspectivas, mas claro que com muitas fragilidades. As oficinas foram tentativas para um outro disparar em educação, mas com seus diversos limites, barreiras e incompatibilidades, como por vezes pontuei ao longo do trabalho, que me via presa ao tempo, à estrutura escolar, à utilidade do fazer. Limites estes, igualmente existentes em uma aula, sala de aula ou grupo de estudos, escolarizantes ou não. Mas não é por conta de tais limites existentes em nossas ações que devemos deixar de trabalhar e nos movimentar nas direções que acreditamos para um educar plural.

As oficinas também trouxeram a esta pesquisa a possibilidade de não ter pressa para as coisas serem ditas, priorizando o tempo para pensar, se demorar e criar imagens. Imagens mais ou menos elaboradas, mas demoradas em seu processo de construção. Imagens que movimentaram pensamentos, que modificaram conceitos estabelecidos por nós mesmos.

As fotografias borradas e desprovidas de explicação que foram produzidas e trazidas a esta pesquisa causaram diversas reações de estranhamento nas pessoas que encontrei por Florianópolis. “Mas como assim essa imagem é uma imagem de Florianópolis?” “Por que uma imagem borrada?” “Tanta coisa para mostrar e você me mostra isso?” Contamos a cidade e a cidade se conta para nós. A imagem pela qual a cidade fala de si, na maioria das vezes, não é a mesma que contamos. O próprio Marco Polo contava as suas muitas “Venezas” ao imperador Kublai Kahn.

Assim, quando olha-se para as imagens produzidas pelas oficinas propostas nesta pesquisa de mestrado, ainda é possível fazer mais uma pergunta “Qual o sentido destas imagens?”. Entendo que são fotografias desprovidas de sentido, mas que trazem consigo uma vontade de agregar e compartilhar ao campo da Educação um esforço de alargar o pensamento e de desfazer as amarras de que as imagens já estão prontas e dadas. Como se tudo já estivesse dito, sem nada mais para pensar ou fazer.

Florianópolis é esta cidade inegavelmente linda por natureza, com suas praias, dunas, lagoas, traços históricos, etc. Não se esteve aqui a negar tais questões ao longo do trabalho. Jamais foi o intuito desta pesquisa

colocar o clichê das imagens como algo inválido, errado, que não deva existir ou que tenhamos que nos livrar dele. A postura que assumi como pesquisadora não foi combativa com os atributos belos e naturais desta cidade. Pelo contrário, reconhece-se tais características pelas quais a cidade se faz existir e com elas tenta-se resistir em uma educação em geografia, do ambiente, de alargamento de pensamento. Buscou-se, inclusive, força nestas imagens clichês para um ver a mais nesta cidade!

Inspirada por Marco Polo a percorrer as muitas Florianópolis existentes em uma só, me despeço desta pesquisa com o anseio de que você, caro leitor, encontre meio à estas imagens lugares, trajetórias e cidades possíveis. Deste modo, as fotografias criadas nesta pesquisa, independentes de serem clichês ou não, são com certeza rastros do encontro entre pessoas e cidades, num desejo de um ver a mais.

\*\*\*

*O atlas do Grande Khan também contém os mapas de terras prometidas visitadas na imaginação mas ainda não descobertas ou fundadas: a Nova Atlântida, Utopia, a Cidade do Sol, Oceana, Tamoé, Harmonia, New-Lanark, Icária.*

*Kublai perguntou para Marco:*

*— Você, que explora em profundidade e é capaz de interpretar os símbolos, saberia me dizer em direção a qual desses futuros nos levam os ventos propícios?*

*— Por esses portos eu não saberia traçar a rota nos mapas nem fixar a data da atracação. Às vezes, basta-me uma partícula que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina, o diálogo de dois passantes que se encontram no vaivém, para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade*

*perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto, de instantes separados por intervalos, de sinais que alguém envia e não sabe quem capta. Se digo que a cidade para a qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais rala, ora mais densa, você não deve crer que pode parar de procurá-la. Pode ser que enquanto falamos ela esteja aflorando dispersa dentro dos confins do seu império; é possível encontrá-la, mas da maneira que eu disse.*

*O Grande Khan já estava folheando em seu atlas os mapas das ameaçadoras cidades que surgem nos pesadelos e nas maldições: Enoch, Babilônia, Yahoo, Butua, Brave New World.*

*Disse:*

*— É tudo inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito.*

*E Polo:*

*— O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.*

*As cidades invisíveis - Italo Calvino (1990, p.149-150)*

\*\*\*

## 8 ESPAÇOS PARA O QUE FICA: UMA ESTAÇÃO

Uma memória imagética vem à tona: a casa de praia que passei meus vinte e oito verões. A mesma praia. A mesma casa habitada quase que sempre pelas mesmas pessoas. Todo ano é a mesma coisa: o verão começa, vamos limpar a casa, arrumamos nossas malas, as colocamos dentro do carro, levamos comidas, cobertores, travesseiros, nossas bicicletas, ventiladores, remédios e as cadeiras de praia. Cortamos a grama, limpamos a caixa d'água, arrumamos a antena para que a televisão funcione e arrumamos o portão enferrujado pela maresia acumulada ao longo do ano. Esse momento se repete todos os anos, geralmente no mês de dezembro, quando nos “mudamos” para a casa de praia.

Um conjunto de ações nos mobiliza para estar lá, pela vontade em comum que temos de passar o verão naquela mesma casa verde, na mesma rua, sendo vizinhos por mais de vinte anos das mesmas pessoas, comprando pão na mesma padaria de sempre, e no mesmo e único mercado existente na localidade. Restrições? Muitas! Não há banco para sacar dinheiro, não funciona internet, sempre falta uma travessa para colocar determinada comida, nunca temos uma grelha decente e sem ferrugem para assar um peixe, as canetas para fazer palavras cruzadas somem, os vizinhos da esquina ainda insistem nos mesmos hábitos: escutar música sertaneja no máximo volume, fazer churrasco em frente da casa superlotada de pessoas e jogar canastra no alto e bom tom “Italiano”.

E quando acaba o verão? Você sabe o que fazemos? Uma semana antes, minha mãe faz uma ou duas viagens a fim de ir levando as roupas de cama para a casa que moramos “de verdade” o ano inteiro. No dia de ir embora definitivamente, é triste. A praia já está bem vazia, o

veraneio está chegando ao fim e os vizinhos e amigos também aprontam seus carros para irem para as suas cidades. Há gente de diversas cidades que vão até aquela praia para lá veraneiar. Limpamos a casa, esvaziamos e descongelamos a geladeira, arrumamos nossas malas, colocamos dentro dos carros, fechamos as janelas, os registros e a porta! Entramos no carro, e seguimos rumo à nossa cidade levando conosco as memórias vividas em mais um maravilhoso e divertido verão juntos das pessoas que escolhemos (aquelas mesmas pessoas de sempre!), na casa verde de muro alto que insistimos em voltar todos os anos, na única praia que o veraneio faz sentido para nós.

Este verão para o qual estou virando a chave da porta e indo embora durou dois anos e quatro meses. Deste período de veraneio levo comigo muitas memórias: umas boas e outras nem tanto assim. Porque um veraneio é feito disso, de dias de sol intenso com boa praia, de fins de tarde de trovoada e “aguaceiros”. Sóis que se abrem após temporais. Chuvas repentinas seguidas de arco-íris maravilhosos. Uma montanha russa de tempos. Tempo geográfico mesmo, diferente de clima! Momentâneo! Nada muito duradouro! Nem tempo bom que nunca acabe e nem tempo ruim que dure para sempre.

Nestes incríveis, difíceis e privilegiados dois anos e quatro meses de veraneio, muitas aprendizagens foram vividas por esta que aqui vos escreve. Uma série de encontros especiais aconteceu para que essas aprendizagens existissem. Esta cidade onde se situa esta praia pegou em minha mão e me convidou para uma viagem de muitas, repito: aprendizagens! Foi diferente: aprendi com imagens, com pessoas, com escritas e com a própria cidade, esta que me convidou a estar aqui.

Aprendi a negociar com o interesse do outro, com os autores que ajudaram a lhes contar como foi viver este verão. Aprendi a escutar pessoas sem o parâmetro do certo e do errado. Do direto e do esquerdo. De cima e de baixo. Tudo o que lhes conto aqui é meu! Muito meu. Mas ao

mesmo tempo, não é. Nada é meu. Nada disso teria acontecido sem essas pessoas, esses encontros e os elementos dessas paisagens que percorri.

A única coisa que dá para afirmar é que eu vivi este verão em toda a sua potência. Mergulhei fundo na praia que escolhi, com as pessoas que eu desejei. Com gosto! E essa memória vivida que trago comigo ninguém vai poder tirar da minha lembrança!

O verão é a estação que mais esperamos chegar: é a cereja do bolo do ano. E mais, verão não se compra em prateleira de loja. Não tem como pedir para um amigo viver o verão no nosso lugar. Ele só acontece e fica na memória de quem o vive, de quem faz as malas e vai lá para a praia ver esta estação acontecer.

O que acontece agora, estimado leitor, é que mais um verão se acaba. Fechei as portas e estou dentro do carro esperando partir. Esse verão acabou, mesmo! E foi maravilhoso! Mas é só do verão do ano de dois mil e catorze que estou me despedindo, porque se sabe que todo ano tem verão. Outros virão. E então, eu fico aqui pensando: o que vou encontrar na casa de veraneio quando eu voltar? Uma janela aberta? A casa pintada de outra cor? A porta arrombada? A grama maior que o portão? Teias de aranha? Algum novo vizinho?

Mas... será mesmo que eu volto? Não sei! Não tenho como prever isso, caro leitor. Apenas aqueles que viverem, VERÃO!





## REFERÊNCIAS

ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. Imagens de escolas: espaços-tempos de diferenças no cotidiano. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 86, p.17-36, jan./abr. 2004.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMUS, Albert. **A peste**. Trad. Valerie Rumjaneck. 2ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

\_\_\_\_\_. **Diário de viagem**. Trad. Valerie Rumjaneck. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CORRÊA, Guilherme ; Preve, A. M. H . A Educação e a Maquinaria Escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. **Revista de Estudos Universitários**, v. 37, p. 181-202, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

\_\_\_\_\_. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sobre o teatro:** Um manifesto de menos; O esgotado. Trad. Fátima Saadi, Olívio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **Kafka:** por uma literatura menor. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FIRMINO, Corrêa Larissa. Idas e vindas na escola: os desafios do estágio em geografia. In: **Anais XVI ENDIPE** - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: didática e práticas de ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, Campinas – SP, 2012.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GIRARDI, Gisele. Mapas alternativos e educação geográfica. **Percursos** (Florianópolis), v.13, n.2, p.39-51, 2012.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias.** São Paulo: EDUSP, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. É possível um território familiar estar ao mesmo tempo estrangeiro?. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **Derrida e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 39-49, 2005.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Fulgurações: pelos rastros da educação ambiental. In: PREVE, Ana M; CORRÊA, Guilherme (Org.). **Ambientes da Ecologia: perspectivas em política e educação**. 1ed.Santa Maria: UFSM, 2007, v. 1, p. 177-186.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O que eu poderia ser [ou estar sendo] se fosse para outro lugar [na mesma cidade que habito]?. In: **Anais XV ENDIPE** - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2010, Belo Horizonte. Anais do XV ENDIPE. Belo Horizonte: UFMG, 2010. v. 1. p. 01-08.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; PREVE, A. M. H.. Fotografias de deslocamentos no ambiente: fugas em uma prática educativa. **Revista Universidade Rural**. Série Ciências Humanas, v. 35, p. 48-59, 2013.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Leituras, n. 4 (Textos subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/Fumec), Secretaria Municipal de Educação, Campinas, Julho, 2001.

LE CLÉZIO, J. M. G. **O africano**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Proposições**, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, v.20, n.3(60), p. 17 – 28, Set./Dez, 2009.

OMAR, Arthur. **Antropologia da fase gloriosa**, São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1997.

\_\_\_\_\_. **O esplendor dos contrários**: aventuras da cor caminhando sobre as águas do Rio Amazonas, São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 208p., 190 ilustr.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; DA ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PEREIRA, Juliana Cristina. Cartografias Afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc; **RA'EGA** – o espaço geográfico em análise. N30/2014, Curitiba: UFPR, p. 106-130, 2014.

PEY, Maria Oly (org.). **Pedagogia libertária**: experiências hoje. São Paulo: Imaginário, 2000.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Mapas, prisões e fugas**: cartografias intensivas em educação. Campinas: Unicamp, 2010. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_. Geografias, imagens e educação: experiências. **Entre-lugar**, Programa de Pós Graduação em Geografia, UFGD. Dourados, v. 4, n.7, Set, 2013.

\_\_\_\_\_. Perder-se: experiência e aprendizagem. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao (Orgs.).

**Grafias do espaço:** imagens na educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Alínea, 2013, p.257-277, 2013a.

PREVE, Ana Maria Hoepers; GUIMARÃES, Leandro Belinaso; BARCELOS, Valdo; LOCATELLI, Julia Schadeck. (orgs.). **Ecologias inventivas:** conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. O trabalho sobre a imagem. Revista **Urdimento**, vol.15, UDESC, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. São Paulo:Estação Liberdade, 2006.

SANTA CATARINA TURISMO S/A. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <<http://www.santur.sc.gov.br/institucional.html>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

SARLO, Beatriz. **La ciudad vista:** mercancías y cultura urbana. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010. 232p.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra:** o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ZANCO, Janice. **Dona Generosa e as crianças disparam... outros modos de ver a Lagoa do Peri.** Florianópolis: UFSC, 2010, 117p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Florianópolis, 2010.



**FILMOGRAFIA**

AO MESTRE com carinho. Original: To Sir, with love. Direção: James Clavell. Reino Unido, 1967. DVD (105 min).

OS EDUKADORES. Original: Edukators. Direção: Hans Weingartner. Alemanha, 2004. DVD (127 min).

HANAMI: Cerejeiras em flor. Direção: Doris Dörrie. Alemanha, 2009. DVD (127 min).

MEDIANERAS: Buenos Aires na era do amor virtual. Direção: Gustavo Taretto. Argentina, Espanha, Alemanha, 2011. DVD (95 min).

O CÉU QUE nos protege. Direção: Bernardo Bertolucci. EUA, 1990. DVD (138 min).

SÓ DEZ POR CENTO é mentira. Direção: Pedro Cezar. Brasil, 2008. DVD (81 min).


TUDO SOBRE MINHA MÃE. Direção: Pedro Almodóvar. Espanha, França, 1999. DVD (101 min).





## ANEXO A – Termos de autorização para reprodução dos conteúdos das Oficinas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPG/E/UFSC

Eu, BENHUR EMANUEL COLOMBO, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntária(o) no Projeto de Pesquisa que me foi esclarecido pela pesquisadora responsável pelo trabalho. Foi esclarecido(a) sobre as justificativas, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa, sobre este ser um projeto sem fins lucrativos, e que as gravações, fotografias, desenhos e textos produzidos por mim poderão ser utilizados pela pesquisadora em sua dissertação de mestrado.

Pesquisadora responsável: Larissa Corrêa Firmino  
Orientador: Leandro Beltrão Guimarães  
Co-orientadora: Ana Maria Hoepers Preve  
UFSC/PPGE/Grupo Temático: Educação ambiental e Estudos Culturais

Florianópolis, 02/07 de JULHO de 2014.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



## PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE/UFSC

Eu, Marina Mariano Martins, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) no Projeto de Pesquisa que me foi esclarecido pela pesquisadora responsável pelo trabalho. Foi esclarecido(a) sobre as justificativas, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa, sobre este ser um projeto sem fins lucrativos, e que as gravações, fotografias, desenhos e textos produzidos por mim poderão ser utilizados pela pesquisadora em sua dissertação de mestrado.

Pesquisadora responsável: Lartisa Corrêa Firmino  
Orientador: Leandro Belinasso Guimarães  
Co-orientadora: Ana Maria Hoepers Preve  
UFSC/PPGE/Grupo Temático: Educação ambiental e Estudos Culturais

Florianópolis, 19 de abril de 2013.